

Sonora Brasil

LÍRICAS FEMININAS

A presença da mulher na música brasileira





LÍRICAS FEMININAS

A presença da mulher na música brasileira

Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

LÍRICAS FEMININAS

A presença da mulher na música brasileira

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2019

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

Departamento Nacional

Direção-Geral
Carlos Artexes Simões

Apoio

Departamentos Regionais do Sesc

Curadoria do Sonora Brasil

A curadoria responsável pela definição de temas e grupos que circulam no projeto ocorreu em 2018, durante o XVI Encontro Nacional da Atividade Música. O grupo curador é formado por técnicos de todos os Departamentos Regionais e o Departamento Nacional do Sesc.

Ilustração

Capa
Camila do Rosário

Fotos

Cesar Duarte
(Líricas Negras, Transcendentes e Históricas)

Ricardo Ferreira
(Líricas Modernas)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Renata de Souza Nogueira – CRB-7/5853)

Líricas femininas : a presença da mulher na música brasileira : circuito 2019/2020. – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2019.

64 p. : il. ; 28,5 cm. – (Sonora Brasil).

ISBN 978-85-8254-074-9.

1. Projeto Sonora Brasil. 2. Música – Brasil. 3. Cultura popular – Brasil. 4. Compositoras. 5. Letristas mulheres. I. Título.

CDD 780.92

©Sesc Departamento Nacional, 2019

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610/1998.

Distribuição gratuita.

Telefone: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

Nos diversos segmentos sociais e em todas as regiões do território nacional, a música está presente como uma das manifestações mais envolventes e significativas da cultura brasileira. Essa importância se reflete vivamente na atuação do Sesc, em projetos como o Sonora Brasil. Em mais de 100 cidades, a maioria distante dos grandes centros urbanos, cerca de 400 concertos são realizados a cada edição deste que é considerado o maior projeto de circulação musical do país.

Com apresentações de caráter essencialmente acústico, o Sonora Brasil mapeia as expressões musicais características de cada região, tendo como foco o desenvolvimento da música brasileira em todos os seus aspectos.

Assim como ocorre nas demais formas de arte contempladas pelas ações culturais do Sesc, a formação de plateia é um resultado concreto do estímulo ao interesse e à sensibilidade do público. Cada pessoa que assiste aos concertos do Sonora Brasil está reforçando seu conhecimento sobre a música de seu povo, além de exercitar sua visão crítica nos debates e nas demais ações ligadas ao Projeto.

Esta publicação é um exemplo do vigoroso trabalho de difusão do conhecimento sobre a música na cultura brasileira. A diversidade musical dos povos originários do Brasil e a participação da mulher na história da música brasileira são temas que contribuem decisivamente para o estudo e a valorização de nossa identidade cultural.

Departamento Nacional do Sesc



SUMÁRIO

9 Apresentação

10 Líricas femininas: as mulheres compositoras

Programas

21 Líricas Históricas

28 Líricas Transcendentes

37 Líricas Negras

43 Líricas Modernas

50 Compositoras

56 Biografias das compositoras

Apresentação

O Sonora Brasil é um projeto temático que tem como objetivo apresentar ao público um amplo cenário da produção musical brasileira e possibilitar a experiência do contato direto com as diversas manifestações culturais do país. Por meio de apresentações comentadas e acústicas, busca-se incentivar novos hábitos de apreciação musical e despertar um olhar crítico sobre a produção e sobre os mecanismos de difusão da música no país, contribuindo para o conjunto de ações desenvolvidas pelo Sesc que visam à formação de plateias. A elaboração e realização do projeto resultam da ação integrada entre o Departamento Nacional e os Departamentos Regionais do Sesc em todo o país, estimulando a integração do corpo técnico por meio de processos participativos de produção e pesquisa.

O projeto é trabalhado por biênio com dois temas que se revezam entre as regiões do Brasil. Em sua 22ª edição, serão realizadas 350 apresentações em 97 cidades. O tema “*Líricas Femininas: a presença da mulher na música brasileira*” será realizado nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste e o tema “*A Música dos Povos Originários do Brasil*” será apresentado no Norte e Nordeste. No ano de 2020, a dinâmica é invertida para que os grupos completem o circuito nacional.

Sobre os povos originários do Brasil, estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000, somando entre dois e quatro milhões de pessoas; apesar dessa representatividade, durante muito tempo foi atribuído a eles um papel secundário na construção da identidade nacional, sendo vistos como vítimas passivas de um processo assimilador que os fez perder suas identidades e desaparecer na história. As novas perspectivas sobre identidade cultural nos obrigam a rever estereótipos, desconstruindo a visão essencialista de “índio” hoje já reconhecido como agente real e atuante da diversidade cultural brasileira. As manifestações musicais dos povos indígenas cumprem um papel social e ritualístico e precisam ser consideradas em um contexto amplo dos costumes, ritos e das festas, indissociados dos componentes espaciais, temporais, gestuais e interpretativos. O tema “*A Música dos Povos Originários do Brasil*” será apresentado por quatro circuitos, cada

um formado por dois grupos diferentes, mostrando a diversidade musical e estética dos povos indígenas. Os circuitos são compostos por seis grupos tradicionais reunidos a partir de afinidades territoriais e que apresentarão exemplos musicais com base em suas vivências cotidianas e ritualísticas: Teko Guarani, do povo Mbyá-Guarani (Porto Alegre — RS), e Nóg gã, do povo Kaingang (São Leopoldo— RS); Dzubucuá, do povo Kariri-Xocó (Porto Real do Colégio — AL), e Memória Fulni-ô, do povo Fulni-ô (Águas Belas — PE); Byiyyty Osop Aky, do povo Karitiana (Porto Velho — RO), e Wagôh Pakob do povo Paiter Surui (Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal — RO). O grupo Wiyae reúne os trabalhos da artista indígena Djueña Tikuna (AM) e da cantora e pesquisadora Magda Pucci (SP), apresentando releituras de músicas indígenas de diversos povos e composições próprias relacionadas ao universo indígena.

O tema “*Líricas Femininas: a presença da mulher na música brasileira*” pretende dar visibilidade a essa vasta produção que, tanto em volume como em qualidade, ainda não ocupa, de maneira equânime, os espaços consagrados à profissão. Ao tratar da presença da mulher na música brasileira, o Sonora Brasil aborda o viés sociológico da representatividade de gênero. O tema será apresentado em quatro recortes que abarcam amplamente a questão a ser discutida: a presença da mulher no desenvolvimento da música brasileira a partir da voz tratada metaforicamente em seu sentido artístico (ser a voz) e político (ter voz). A voz, elemento central de identificação de gênero na produção sonora, terá lugar de destaque. A expressão lírica, que no período medieval denominava uma modalidade poética, cantada e declamada ao som de instrumento acompanhador, será utilizada como ponto de intercessão entre as abordagens. Ao todo serão 14 artistas, compositoras e intérpretes, que se apresentarão em quatro circuitos: Líricas Modernas, Líricas Negras, Líricas Transcendentes e Líricas Históricas. Os programas são compostos exclusivamente por obras de 49 compositoras e letristas brasileiras, reunidos especialmente para o Sonora Brasil.

Líricas Femininas: as mulheres compositoras

Carô Murgel¹

Durante muito tempo imaginou-se que o número de compositoras era muito reduzido, assim como a criação artística das mulheres. Diversas autoras trabalharam esse tema, nos mais variados enfoques. A escritora Virginia Woolf e, mais tarde, a historiadora Michelle Perrot entenderam que, especialmente no campo artístico, as mulheres tiveram muitas dificuldades para serem reconhecidas na literatura e nas artes plásticas, mas especialmente na música. Em seu *Um teto todo seu*, escrito em 1928, Woolf observava que as restrições à criação das mulheres foram sempre alimentadas e reafirmadas pelo sexo oposto. Para esta autora,

[...] haveria sempre aquela afirmativa — você não pode fazer isto, você é incapaz de fazer aquilo — contra a qual protestar e a ser superada. Provavelmente, para uma romancista, esse germe já não surte grande efeito, pois tem havido mulheres romancistas de mérito. Mas, para as pintoras, isso deve trazer ainda algum tormento; e para as musicistas, imagino, é ainda hoje ativo e venenoso ao extremo. A mulher que compõe música situa-se no que foi o lugar da atriz na época de Shakespeare. Nick Greene, pensei, [...] dissera que uma mulher representando lembrava-lhe um cachorro dançando. Johnson repetiu essa frase duzentos anos depois a propósito das pregadoras de saias. E aqui, disse eu abrindo um livro sobre música, temos as mesmas palavras novamente usadas neste ano da graça de 1928, sobre mulheres que tentam escrever música. “Sobre a srta. Germaine Tailleferre, pode-se apenas repetir

a máxima do dr. Johnson sobre as mulheres pregadoras, transposta em termos de música: ‘Senhor, a composição de uma mulher é como o andar de um cachorro sobre as patas traseiras. Não é bem-feita, mas já surpreende constatar-se que de qualquer modo foi feita.’” Com que exatidão a história se repete... (WOOLF, 1990, p. 67-68).

Virginia Woolf escreve procurando pelas escritoras, mas ciente que a maior dificuldade para o reconhecimento de criação seria para as musicistas. As mulheres, lembrava a autora, não tinham acesso à educação, não tinham direito de ter seu próprio dinheiro, eram obrigadas a se casar cedo, tinham muitos filhos e pouco tempo e espaço para se dedicarem às artes.

Falando sobre o mesmo tema, Michele Perrot lembra que as mulheres foram impedidas não só pelos homens como também por suas famílias:

E a música?

Aí se acumulam os obstáculos. Por parte das famílias, para começar. A mãe de Mme. Roiand recusava-se a fazer de sua filha uma virtuose porque “queria, acima de tudo, que eu gostasse dos deveres de meu sexo e que fosse mulher do lar, mãe de família”, escreve ela em suas *Mémoires*. O pai de Félix e Fanny Mendelssohn, igualmente dotados, escreve a esta última, em 1820, a respeito da música: “É possível que, para ele, a música venha a ser uma profissão, enquanto, para você, não será mais do que um ornamento.”

Pior ainda quando as desaprovações vêm do marido ou do companheiro. Clara Schumann se sacrifica por Robert; Alma Mahler por Gustav. Durante o noivado, Gustav lhe pedira explicitamente renunciar à música. “Como é que você imagina um casal de compositores?”

¹Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel é mestre e doutora em História Cultural pela Unicamp, realizou seu pós-doutorado com apoio da Fapesp na mesma instituição, com a pesquisa “Cartografias da Canção Feminina: compositoras brasileiras no século XX”.
E-mail: acmurgel@gmail.com.

Você já pensou a que ponto uma rivalidade tão estranha se tornará necessariamente ridícula? [...] Que você seja aquela de que preciso, [...] minha esposa e não minha colega, isso sim, está certo.” O que ele lhe propõe é a colaboração e a fusão de seu amor e de suas músicas (PERROT, 2007, p. 104-105).

No Brasil não foi diferente. Em seu artigo “A literatura feita por mulheres no Brasil”, Nádia Gotlib (2003) aponta que os primeiros textos escritos por mulheres que tiveram alguma divulgação datam do século XIX, lembrando que a educação formal era restrita aos homens, e a primeira legislação que viria tratar da educação feminina (apenas para estudos elementares) é feita somente em 1827. As mulheres só conseguem chegar à escola normal em 1876.

É no mesmo século XIX que encontramos também a provável primeira compositora brasileira, Beatriz Ferrão, que, como aponta a pesquisadora Eli Maria Rocha (1986), aparece no livro *Selecta Brasiliense* (1870), de José Martino de Vasconcelos. Beatriz nasceu em 1792, segundo a autora, em Minas Gerais. É reconhecida em vários textos como pianista e poeta, mas pouco se sabe sobre suas composições. Em um artigo sobre mulheres ilustres na revista *Marmota Fluminense*, elaborada por “C. da C.” intitulada “A mulher” (1855), Beatriz Ferrão aparece como poeta baiana (comparável a Sapho, segundo o texto de uma também provável mulher, autora anônima da matéria), enquanto a primeira musicista seria a mineira Beatriz Francisca de Almeida Brandão, nascida em Vila Rica (atual Ouro Preto) em 1779.

Considerando essa discrepância sobre nossa primeira compositora, entendemos que se foram árduos os caminhos e as dificuldades encontradas pelas pesquisadoras das escritoras brasileiras, a dificuldade se aprofunda quando se trata de compositoras. Quando temos a sorte de encontrar letras de canções ou partituras, principalmente do século XIX, é comum encontrarmos pseudônimos, anônimas, “amadoras” ou vagas iniciais que pouco dizem sobre essas mulheres. Quando encontramos a autoria e buscamos nos aprofundar, não há rastros – o que aconteceu? Quem foram essas mulheres? Pouco sabemos, foram apagadas e esquecidas, porque ainda há muito o que se recuperar da história das mulheres. Voltando à Virgínia Woolf:

Quando, porém, lemos sobre uma feiticeira atirada às águas, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma bruxa que vendia ervas, ou até sobre um homem muito notável que tinha mãe, então penso estarmos na trilha de uma romancista perdida, uma poeta reprimida, de alguma Jane Austen muda e inglória, alguma Emily Brontë que fazia saltar os miolos no pantanal ou careteava pelas estradas, enlouquecida pela tortura que o talento lhe impunha. De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher. Foi uma mulher que Edward Fitzgerald, creio, sugeriu ter feito as baladas e as cantigas folclóricas, cantarolando-as para seus filhos, distraíndo-se com elas na roda de fiar ou nas longas noites de inverno (WOOLF, 1990, p. 61-62).

O anonimato, em um tempo em que uma mulher “pública” era vista como uma prostituta (“a glória maior da mulher é não ser falada, disse Péricles, ele próprio um homem muito falado”) [WOOLF, 1990, p. 63], foi o caminho encontrado por muitas artistas para terem seus trabalhos lidos, cantados ou minimamente conhecidos. E mesmo quando eram reconhecidas em seu tempo, pouco se sabe delas na atualidade. Eli Maria Rocha (1986) afirma que as duas compositoras mais conhecidas do século 19 eram Chiquinha Gonzaga e Amélia de Mesquita, mas o que sabemos de Amélia nos dias de hoje?

Em minha pesquisa, foram muitas as artistas anônimas e concordo com a dúvida de Virgínia Woolf: onde há um autor “anônimo” provavelmente se trata de uma mulher, e isso se estende aos cantos de trabalho, sambas de roda, cirandas e outras canções de cunho popular em manifestações notavelmente femininas como essas.

No século XIX, em cinco volumes do livro *Trovador: coleção de modinhas, recitativos, arias, lundús*, etc. (Coutinho, 1876), podemos perceber a dificuldade para pesquisar a autoria feminina considerando-se como seus nomes apareciam grafados: cinco composições de “Uma joven fluminense”;²

² “A cor morena”, “Amor perfeito”, “Não sei que sinto”, “Comtigo só posso eu” e “Á lua”

duas composições de “Uma nitheroyhense”,³ uma canção de “D. A. Rosinha de S. (Portuense)”,⁴ e também uma de “Uma senhora portuense”.⁵ O mesmo se repete nas partituras da Biblioteca Nacional:⁶ “Provocadora”, polca lundu composta por uma amadora, “Victória!”, marcha composta por Haydée, “Bismark”, polca de autoria anônima, “A verdadeira farpa brasileira”, composta por Elle ou a “Polka das moças” composta por O.R.A. para suas discípulas.



Polca “Bismark”, de autoria anônima, séc. XIX.
Acervo de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional.

Esse apagamento também ocorre no século XX, das mais diversas formas: gravações e partituras sem nome; grafadas como anônimas, tradicionais, recolhidas ou domínio público; certa má fé de biógrafos e pesquisadores que duvidam da autoria das mulheres; apropriações de obras por parte dos companheiros, pais, familiares; utilização de iniciais como em “A. Brumatti”, que, nesse caso, descobrimos pesquisando no Ecad tratar-se de Amália Brumatti

Ferreira Gomes; uma infinidade de compositoras sem sobrenome, como “Ana Maria”, nome sob o qual encontramos quinze compositoras diferentes assinando da mesma forma. Uma delas ainda se desdobra em três, Ana Maria Siqueira Lório, compositora de um dos grandes sucessos dos anos de 1970, “Uma vida só [Pare de tomar a pílula]” em parceria com seu ex-companheiro Odair José, mais tarde passa a assinar Diana e, mais recentemente, Dianah. O mesmo acontece com Ana Paula, um único nome para 22 compositoras diferentes, o que requer um grande esforço para separar as obras encontradas por autora.

A escolha do nome sem a utilização do sobrenome não deixa de ser justificável. Todos os sobrenomes são masculinos, e Rita Lee e Zélia Duncan sabiam disso quando cantaram “Minha mãe é Maria Ninguém”, em “Pagu”. Mais do que uma referência à “Maria Ninguém” de Carlos Lyra, a canção explicitamente feminista das duas compositoras aponta para uma questão que vem sendo discutida na historiografia também por Michele Perrot (2007, p. 21): a dificuldade de acompanhar uma linhagem a partir das mulheres, já que “[...] Pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome, o que ocorria na França, mas não somente aí. É bastante difícil, e mesmo impossível, reconstituir linhagens femininas”. É muito recente, inclusive no Brasil, a possibilidade de as mulheres decidirem se querem ou não continuar com seus sobrenomes — que, de qualquer forma, é o nome do pai e do avô —, já que mesmo as que possuem ou utilizam o sobrenome da mãe carregam sempre o sobrenome do avô.

Assim, podemos perceber mudanças de nomes das compositoras não somente por decisão pessoal, como ocorre na atualidade, mas pelo casamento, como, por exemplo, Joyce, que passa a assinar Joyce Moreno. E é claro, também, que não podemos nos esquecer da quantidade de mulheres que desistiram de suas carreiras pessoais em prol do casamento, o que ocorreu com frequência até meados do século XX, se pensarmos em compositoras ou cantoras como Leny Eversong, Wanda Sá (que voltou à ativa após se separar de Edu Lobo) e Celly Campello, entre muitas outras.

³ “Vivendo de ti distante” e “Não polkas?”

⁴ “Amor de mãe”

⁵ “Adeus á patria”

⁶ Pesquisa disponível em: <http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXTLIST=partituras_pr%3Apartituras>. Acesso em: 1/3/2019.

O caso de Gina Araújo, nascida em 3 de abril de 1890, é emblemático nesse sentido. Ela foi o mais jovem membro da Societé des Auteurs Français. Sua primeira composição, “Nocturno”, foi aos sete anos. Teve uma produção pequena, mas vigorosa, segundo Tapajós Gomes, que lhe dedicou três páginas na revista *Illustração Brasileira*⁷ de fevereiro de 1927.

O autor da reportagem conta que seu repertório fazia parte de grandes concertos na França e que Fauré e Debussy sentiam grande prazer em acompanhá-la quando ela lhes mostrava suas composições. Gina, que segundo ele, fazia parte da “aristocracia” brasileira casou-se com Raul Régis de Oliveira, que se tornou embaixador do Brasil na Inglaterra. Diz Gomes:

Tudo fazia crer que, mais cedo ou mais tarde, ella conquistaria o renome a que seu bello talento fazia jus. Houve, porém, um momento em que Gina de Araújo se encontrou, de surpresa, em uma decisiva encruzilhada de sua vida: artista, ella se havia casado com um diplomata já em meio de carreira. E, da mesma fôrma que ella sonhava vencer como compositora, o marido sonhava triumphar como diplomata. Era um dilemma, em que se chocavam os dois interesses. Um delles tinha de ser sacrificado. [...] E Gina de Araújo soube renunciar os seus ideaes de arte, para que o esposo não sacrificasse as excepcionaes possibilidades que tinha para vencer na carreira diplomática. Gina soube ser gentil, escolhendo o caminho de seu proprio sacrificio: soube ser bella renunciando á belleza de uma gloria, cuja conquista estava em suas mãos. (GOMES, 1927).

É desnecessário dizer que, de fato, não era uma questão de escolha. Ela poderia ter prosseguido sua carreira de compositora sem que seu marido desistisse de ser diplomata. Os “sacrifícios” são feitos para as mulheres. Tapajós Gomes (1927) afirma ainda que “Gina de Araújo, se tivesse prosseguido, seria hoje, fatalmente, um nome universal da arte”. Algumas de suas partituras estão disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional. Uma promissora carreira e um nome esquecido de uma

compositora, que pode bem ter como resumo sua fotografia na revista *Fon-Fon*, de 29 de janeiro de 1910, como Madame Raul Regis de Oliveira, “nascida” Gina de Araújo.



Revista *Fon-Fon* de 29 de janeiro de 1910.
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Como Gina, outra compositora, Judith Ribas, reconhecida em Portugal e que, ao se apresentar no Brasil, conheceu e se casou com o músico Cardoso de Menezes. Ela aparece numa fotografia com seu filho onde se lê a legenda “Maestro Cardoso de Menezes e sua veneranda progenitora” (Cf. MURGEL, 2016). Judith é avó da também compositora, Carolina Cardoso de Menezes, autora do primeiro rock composto no Brasil, “Brasil rock”, de 1957.

Várias pesquisadoras se debruçaram sobre compositoras eruditas e populares na tentativa de resgatar histórias, obras e biografias, e para todas as dificuldades se mostraram imensas; é preciso destacar os trabalhos de Eli Maria Rocha (1986) — *Nós, as mulheres (notícias sobre as compositoras brasileiras)* — e Nilcéia Cleide da Silva Barancelli (1987) — *Mulheres*

⁷ Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10985>>. Acesso em: 1/3/2019.

compositoras: elenco e repertório —, nos anos de 1980 (ambas também compositoras), e o de Maria Áurea Santa Cruz (1992), *A musa sem máscara*, nos anos de 1990. É claro que a anônima C. da C., já citada, também deve ser lembrada. Em tempos onde pesquisas eram realizadas apenas em arquivos físicos, eram bem difíceis resultados mais precisos. Em minha pesquisa de pós-doutorado, já contando com o auxílio inestimável da internet tanto para a pesquisa como para o contato com compositoras, cheguei a mais de 7.500 compositoras, numa pesquisa centrada no século XX, mas que se estende ao XIX e XXI e que ainda não se esgotou. O levantamento até o momento teve que acompanhar os prazos estipulados pela Fapesp, mas os levantamentos empíricos ainda estão em processo.⁸

Procurando brevemente no XIX, foram encontradas 90 compositoras e 474 obras, indício de que eram muitas mais. Algumas compositoras citadas como muito conhecidas nesse período por Vincenzo Cernicchiaro (1926), no livro *Storia della musica nel Brasile: dal tempi colonial al nostri giorni* (1549-1925), não aparecem nos jornais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, o que dificulta ainda mais as buscas por essas mulheres.

Também é necessário lembrarmos Inezita Barroso, a primeira mulher a gravar um álbum somente com compositoras, em 1958. O LP *Inezita apresenta...* trazia pela primeira vez os nomes de Babi de Oliveira e Zica Bêrgami, Leyde Olivé, Juracy Silveira, Edvina de Andrade e Orádia de Oliveira. Zica Bêrgami, além de pintora, é a compositora de um dos maiores clássicos do século XX, a canção “Lampião de gás”, também gravada por Inezita em 1958 no LP *Vamos falar de Brasil*. Babi de Oliveira teve uma dissertação de mestrado dedicada a ela, *Babi de Oliveira: recortes de vida, da obra e catalogação de suas composições para canto e piano*, de Vânia Maria Guimarães Alvim, defendida no Departamento de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, em 2012, que merece ser lida para que possamos ter uma ideia da dificuldade de se escrever sobre as mulheres. Vânia conseguiu notícias de Babi por

um italiano, pela internet, que conhecia e admirava a obra da artista — foi por meio desse contato que ela conseguiu chegar à família da compositora.

A pesquisa de Maria Áurea Santa Cruz (1992) é sobre a imagem das mulheres nas canções populares, sobre o discurso dos homens sobre as mulheres na canção popular. A autora pesquisa algumas compositoras, poucas, mas não era essa a intenção de seu trabalho. Seu texto é importante porque nos ajuda a pensar os discursos machistas e/ou de assujeitamento das mulheres contidos nas canções populares, e ela discute também as mulheres que repetem esse discurso.

A pesquisadora conta sobre a canção “Nega maluca”, de Evaldo Ruy e Fernando Lobo — feita para ser cantada por um homem, dois cantores se recusaram por achá-la depreciativa demais, mesmo assim foi parar na voz de Linda Batista —, que por ter sido gravada por essa grande intérprete acabou recebendo novas gravações inclusive recentes, como de Caetano Veloso e Carmina Juarez. Maria Áurea, em relação à Linda Batista, se pergunta o que leva uma mulher a gravar canções tão depreciativas sobre seu próprio sexo (nesse caso, devemos considerar também o racismo explícito da canção) e conclui:

Quando uma cantora, em alto e bom som, reproduz um texto musical que denigre a imagem feminina, ela, sendo mulher, apenas contribui para denegrir a sua própria pessoa. Mas não é de se admirar que essas artistas tenham interiorizado tão profundamente o discurso masculino sobre o gênero feminino. Na realidade, elas asseguravam através do seu canto o que outras mulheres já referendavam, nos lares, nas escolas (por meio das mães e das professoras) e principalmente no relacionamento afetivo-sexual com os parceiros. Assimilando passivamente os estereótipos a ela atribuídos, a mulher internalizava os preconceitos contra ela instituídos. A voz individualizada, que canta uma canção machista, nada mais é do que o resultado do pensamento coletivo, silenciado, de todas as que ouvem e consentem (SANTA CRUZ, 1992, p. 17).

⁸ Disponível em <<http://www.compositoras.mpbnet.com.br>>. Acesso em: 1/3/2019.

É claro que muitas compositoras foram capturadas pelo discurso patriarcal sobre os gêneros, mas também foram muitas as que escaparam e criaram novas perspectivas e visões sobre as possibilidades das mulheres. Se, no século XIX, Chiquinha Gonzaga representava as mulheres livres dos grilhões sobre a construção discursiva de gênero que diz o que deve ser uma mulher, muitas mais traçaram esse caminho no século XX.

Já nos primeiros anos, em 1918, Alda Garrido, conhecida atriz brasileira e também compositora, respondeu à canção “Franqueza rude”, de Caramuru, em parceria com João B. Fittipaldi e gravada por Mário Pinheiro, com a canção “Rude franqueza”. A canção de Caramuru era mais uma com os infundáveis discursos sobre a frieza e a crueldade das mulheres, e Alda responde:

“Rude franqueza” [Trecho]

(Autoria desconhecida)

Deve a mulher dar preferência ao suicídio
Do que tentar amar um homem com pureza
Pois o ideal não passará de um homicídio
Que ele julga ser um ato de nobreza
Bato no peito com orgulho e digo aflighta
Bato no peito e digo para quem quiser

Que morra o homem cuja dor... [...]
Que morra o homem pra sossego da mulher

Eu digo em alto tom, eu digo com conforto,
Que o homem pra ser bom, devia nascer morto

A canção gravada por Alda Garrido aparece na discografia 78 RPM de Nirez como sendo a mesma “Franqueza rude” de Caramuru e Fittipaldi, evidentemente um erro, já que se trata de letra e música diferentes. Com isso, sem acesso ao disco original é impossível afirmar quem é o/a autor/a da mesma, podendo ou não ser a própria artista.

A canção “Rude franqueza” costuma causar estranheza e certo choque por seus versos finais, mas ninguém se choca com a quantidade de canções em que as mulheres “devem apanhar” como, por exemplo, “Dá nela” (Ary Barroso) e “Na subida do morro” (Geraldo Pereira, Moreira da Silva e Ribeiro Cunha) ou que são mortas por terem abandonado seus maridos, como em “Cabocla Te-reza” (Raul Torres e João Pacífico).



Alda Garrido, foto Arquivo Nirez.

Discordando parcialmente de Maria Áurea Santa Cruz sobre as mulheres cantando canções machistas, há determinadas canções que quando apropriadas por mulheres mudam completamente de sentido, como é o caso de “Mesmo que seja eu” (Roberto Carlos e Erasmo Carlos), na gravação da compositora Marina Lima. Quando uma mulher canta “você precisa de um homem pra chamar de seu / mesmo que seja eu” há uma evidente desconstrução dos estereótipos de gênero.

Há um lapso comum a críticos musicais de também pesquisadores quando consideram a produção musical das mulheres com um vazio entre Chiquinha Gonzaga e Dolores Duran e Maysa. Só no século XX temos 563 outras compositoras no período. Para citar algumas, considerando a primeira data encontrada de suas obras e a certeza que alguns nomes serão reconhecidos (entre chaves, o número de compositoras que já foram localizadas em cada período):

De 1901 a 1920

[Compositoras levantadas: 38]

Adélia Craveiro Costa, Adelina Heggendorf, Adeline Moss de Almeida, Amélia Cavalcanti, Anna Moeda Bittencourt, Argentina Maciel, Áurea Anacleto, Branca Rangel, Celeste Jaguaribe, Clara Vilhena da Cunha, Emília Duque Estrada de Farias, Ernestina

Jucá Rêgo Lima, Maria Amanda Tenreiro Aranha (que usava como pseudônimo E. Feuillet), Othília Moreira, Paula Ballariny, Roberta Gonçalves de Sousa Brito e Tia Ciata.

De 1921 a 1940

[Compositoras levantadas: 139]

Ada Macaggi, Adélia Lindemberg Bulcão, Aída Souza Cruz, Alda Garrido, Alice Noronha de Campos, Almerinda Castelar, Amélia Borges Rodrigues, Aylce Chaves, Branca Bilhar, Cacilda de Abreu, Carmen Miranda, Carolina Cardoso de Menezes, Celeste Leal Borges, Clorinda Rosato, Dilú Mello, Dinorá de Carvalho, Dona Ivone Lara, Dora Montenegro, Dulce Malheiros, Esther Naiberger, Eunice Millan Barbosa, Georgina Erismann, Gilda de Abreu, Gilka Machado, Glorinha Caldas, Haydée Dumangin Mojola, Helena de Magalhães Castro, Helza Camêu, Hilda Pires dos Reis, Ida Leal do Canto, Inah Machado Sandoval (Tia Inah), Joaquina de Araújo Campos, Lídia Campos, Lilinha Fernandes, Lina Pesce, Linda Batista, Maria Amélia Barros, Maria Josephina Mignone, Maria Junqueira Schmidt, Marília Batista, Nadile Lacaz de Barros, Nair de Mesquita, Nhã Zefa, Odette Duprat Fiúza, Olga Prager Coelho, Otilia Amorim, Stefana de Macedo, Tia Amélia, Violeta Cavalcanti, Virgínia Lane, Zaíra de Oliveira, Zilá Fonseca e Zizinha Bessa.

De 1941 a 1959

[Compositoras levantadas: 389]

Adalgisa Nery, Alaíde Costa, Albertina Rocha, Alda Caminha, Alda Rocha, Alma Cunha de Miranda, Almira Castilho, Aracy Côrtes, Arminda Falcão, Babi de Oliveira, Bibi Ferreira, Bidú Reis, Carmen Costa, Dona Dalva Damiana, Dirzinha Batista, Dolores Duran, Dora Lopes, Dulce Nunes, Duo Irmãs Celeste, Edvina de Andrade, Elvira Pagã, Elza Laranjeira, Esther Delamare, Eunice Catunda, Geysa Celeste, Geny Marcondes, Helena de Lima, Helena Jobim, Henriqueta Ribeiro, Inara Simões de Irajá, Inezita Barroso, Irmãs Castro, Juracy Silveira, Leny Caldeira, Leny Eversong, Leyde Olivé, Lina Pires de Campos, Linda Rodrigues, Maria Helena Toledo, Maricene Costa, Marinês, Marlene, Maysa, Norma Bengell, Núbia Lafayette, Orádia de Oliveira, Stellingha Egg, Sylvia Telles, Sylvinha Chiozzo, Tita Scano, Vanja Orico, Vera

Brasil, Viúva Guerreiro, Zica Bérigami, Zilda do Zé.

Desses nomes, com certeza, boa parte começou sua produção antes de ter o registro das músicas e/ou das canções. Um exemplo é Aylce Chaves — a primeira gravação de uma canção dela foi em 1945 —, no entanto, em um artigo do jornal *Diário da Noite* de 22 de julho de 1940,⁹ mostra que Carmen Miranda faria um show com suas canções naquele ano:



Artigo do jornal *Diário da Noite* de 22 de julho de 1940.
 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Aylce Chaves é autora de diversas canções que questionam os discursos de gênero — foi parceira de Linda Rodrigues, Dora Lopes, Elvira Pagã e Paulo Marques e com o último lança o seu maior sucesso:

⁹ Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/3101.
 Acesso em: 1/3/2019.

Lama

(Aylce Chaves e Paulo Marques)

Se eu quiser fumar, eu fumo
 Se eu quiser beber, eu bebo
 Não me interessa mais ninguém
 Se o meu passado foi lama
 Hoje quem me difama
 Viveu na lama também
 Comendo da minha comida
 Bebendo a mesma bebida
 Respirando o mesmo ar
 E hoje, por ciúme ou por despeito
 Achar-se com o direito de querer me humilhar
 Não compreendeste o sacrifício
 Sorriste do meu suplício
 Me trocando por alguém
 Quem foste tu, quem és tu
 Não és nada
 Se na vida fui errada
 Tu foste errado também
 Se eu erre, se pequei, não importa
 Se nesta hora estou morta
 Pra mim morreste também



Aylce Chaves, em foto no *Diário da Noite*, de 24 de janeiro de 1952. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A canção, como outras do período compostas pelas mulheres, questiona o espaço privado como o único lugar possível para as mulheres. Esse questionamento pode ser encontrado em diversas outras compositoras, como Maysa e Dolores Duran, e também nas parceiras de Aylce, e, antes delas, também em Carmen Miranda, na sua “Os home implica comigo” (MURGEL, 2018).

As mulheres questionam, desde quando começaram a compor, essa hegemonia do pensamento patriarcal sobre o espaço, a fala e o comportamento construído como sendo “natural” a elas. Chiquinha

Gonzaga já havia feito isso em canções e nas escolhas de sua própria vida, assim como “uma joven fluminense”,¹⁰ do livro de 1876, responde à provocação de um compositor que escreveu a letra do lundu “Eu posso com mais alguém” com a canção “Comtigo só posso eu”, ironizando a insegurança do personagem da primeira (COUTINHO, 1876):

“Eu posso com mais alguém”

(Autoria anônima)

É falso, meu bem, quem diz
 Que uma só me quer bem;
 Eu tenho quatro amantes
 E posso com mais alguém
 Tenho uma que me é dôce,
 Tenho outra que me quer bem;
 Eu amo a uma e a outra
 E posso com mais alguém

Ao templo de amor jurei
 Não amar a mais ninguém
 Mas o amor a amar me obriga
 E posso com mais alguém

Se por falso ou inconstante
 Alguma d’ellas me tem,
 Eu as convenço o contrário
 E posso com mais alguém [...]

“Comtigo só posso eu”

(Uma joven fluminense)

Porque duvidas de mim?
 D’um amor que é todo teu?
 Apre lá, com teu ciumes!
 Comtigo só posso eu.

Quem tão pouca confiança
 Na cabeça te metteu?
 Teus amúos não mereço
 Comtigo só posso eu

Taes dúvidas mortificam
 O sincero peito meu;
 Só eu posso supportar-te,
 Comtigo só posso eu

Diz-me pois, meu amuado
 Esses zelos, quem t’os deu?...
 Taes ciumes são denguiques,
 Comtigo só posso eu [...]

¹⁰ O livro é formado por cinco volumes e, no segundo volume, há uma anotação dando conta de que “uma joven fluminense” é na verdade Cândida de Pinho Cotrim. Optei aqui por manter a grafia original, no apelido e nos trechos apresentados.

Os anos de 1950 já eram o prenúncio de uma revolução das mulheres que estouraria finalmente nos anos de 1960 e 1970. É visível a mudança nos costumes principalmente marcada pela contracultura. Durante as duas grandes guerras as mulheres saíram para o espaço público e para o trabalho, e por mais insistentes que fossem as campanhas para devolvê-las à “segurança do lar”, depois das guerras, eram visíveis as trincas e fissuras nos discursos cerceadores sobre as mulheres.

No Brasil, a partir de 1960, há uma explosão de compositoras e novos temas passam a ser abordados. Não se tratava mais de apenas pontuar que as mulheres não eram o que os estereótipos de gênero insistiam que fossem, mas também de falar sobre o prazer, sobre o meio ambiente, sobre o futuro fora dos muros e também sobre filhos, de uma forma muito mais livre e libertária. Nesse período, que aconteceram também os festivais, o golpe civil-militar, as lutas pela democracia e a Tropicália, as mulheres estiveram na linha de frente na resistência e na revolução dos costumes.

Sobre esse tempo, é interessante que ainda persista a ideia de que havia muito mais cantoras do que compositoras: a maior parte das cantoras também compunha, as mulheres tornaram-se também suas próprias intérpretes. Para termos uma ideia de alguns nomes de compositoras que registraram suas primeiras composições nesse período, destacamos alguns nomes – novamente, a quantidade total de compositoras levantadas está entre chaves:

De 1960 a 1980

[Compositoras levantadas: 1.315]

Adalcinda Camarão, Adelaide Chiozzo, Alzira E, Amelinha, Ana Maria Iório, Ana Maria Bahiana, Ana Terra, Anastácia, Ângela Ro Ro, Astrud Gilberto, Áurea Maria, Baby do Brasil, Berenice Azambuja, Beth Carvalho, Bruna Lombardi, Carminha Mascarenhas, Carolina Maria de Jesus, Cátia de França, Cecéu, Célia Vaz, Chiquinha Gonzaga (irmã de Luiz Gonzaga), Cida Moreira, Clara Nunes, Cláudia Barroso, Claudia Telles, Clementina de Jesus, Clemilda, Consuelo de Castro, Consuelo Leandro, Cynara, Débora Duarte, Denise de Kalafe, Denise Emmer, Dercy Gonçalves,

Diana Pequeno, Dora Valle, Dora Vasconcelos, Dona Edith do Prato, Edith Veiga, Elena de Grammont, Eliana Pittman, Eliane de Grammont, Elis Regina, Elizeth Cardoso, Ely Camargo, Elza Soares, Emilinha Borba, Esther Scliar, Evinha, Fátima Guedes, Flora Purim, Gal Costa, Gisa Nogueira, Glória Gadelha, Gretchen, Guadalupe, Hilda Hilst, Iná Monjardim, Inhana, Irene Portela, Irinéa Ribeiro, Isolda, Italúcia, Jane Duboc, Jocy de Oliveira, Joyce Moreno, Junia Horta, Kate Lyra, Kátia, Lady Zu, Leci Brandão, Leila Diniz, Lia de Itamaracá, Lilian Knapp, Luciana Rabello, Lucina, Lucinha Lins, Lucinha Turnbull, Luhli, Maria Bethânia, Maria Tereza Mecha Branca, Maria Thereza Guinle, Marília Barbosa, Marília Medalha, Marina Lima, Marisa Gata Mansa, Marlui Miranda, Marta Strauch, Martinha, Maucha Adnet, Meire Pavão, Miúcha, Mona Gadelha, Nalva Aguiar, Nana Caymmi, Nara Leão, Nhá Barbina, Olga do Alakêtu, Olga Savary, Olívia Byington, Olívia Hime, Oneyda Alvarenga, Perla, Pytty, Regina Porto, Regina Werneck, Regininha, Renata Palotini, Rita Lee, Rita Ribeiro, Rosa Passos, Rosemary, Rosinha de Valença, Sandra Pêra, Sarah Benchimol, Silvinha Chiozzo, Simone, Sônia Burnier, Sonia Hirsch, Sonia Santos, Sônia Prazeres, Sueli Costa, Suely Mesquita, Tânia Bicalho, Teca Calazans, Telma Costa, Tereza Souza, Tetê Espíndola, Thereza Tinoco, Tita Lobo, Tuca, Vanusa, Waleska, Wanda Sá, Wanderléa, Yana Purim, Zezé Motta, Zilah Machado, Zizi Possi.

De 1981 a 2000

[Compositoras levantadas: 2.230]

Adélia Prado, Ademilde Fonseca, Adriana Calcanhotto, Adriana Maciel, Alcione, Alda Rezende, Alice Pink Pank, Alice Ruiz, Ana Basbaum, Ana Caram, Ana Carolina, Ana Cristina, Ana Cristina Cesar, Ana de Hollanda, Ana Salvagni, Anáí Rosa, Andréa Dutra, Andréa Marquee, Andréa Pinheiro, Andreia Dias, Ângela Maria, Aparecida Silvino, Arícia Mess, Aurinha do Coco, Badi Assad, Beatriz Azevedo, Bebel Gilberto, Belô Velloso, Beth Goulart, Betti Albano, Bia Marinho, Bia Paes Leme, Cacala Carvalho, Carmina Juarez, Cássia Eller, Clarice Lispector, Clarisse Grova, Clécia Queiroz, Consuelo de Paula, Cora Coralina, Cris Braun, Cris Delanno, Cristina Buarque, Cristina Prochaska, Cristina Saraiva, Cyva, Daisy Cordeiro, Daniela

Mercury, Daúde, Déa Trancoso, Denise Assunção, Denise Krammer, Dona Onete, Doroty Marques, Dulce Quental, Edith Derdyk, Elba Ramalho, Eliana Princes, Eliete Negreiros, Elisa Lucinda, Etel Frota, Fafá de Belém, Fernanda Abreu, Fernanda Takai, Grace Torres, Helena Meirelles, Ignez Perdigão, Ivânia Catarina, Ivete Sangalo, Joanna, Joésia Ramos, Jovelina Pérola Negra, Jussara Silveira, Jussy Campello, Kali C., Kana, Kay Lyra, Kika Seixas, Klébi Nori, Lan Lan, Lana Bittencourt, Laura Finocchiaro, Léa Freire, Ledusha Spinardi, Leila Maria, Leila Pinheiro, Letícia Coura, Liseux Costa, Luciana Mello, Lucila Novaes, Mabel Veloso, Mãe Menininha do Gantois, Márcia Barnabé, Margareth Menezes, Maria Alcina, Maria Creuza, Maria Rita Kehl, Marianna Leporace, Marisa Monte, Mart'nália, Mathilda Kóvak, Mestra Virgínia, Miriam Batucada, Miriam Mirah, Mônica Tomasi, Ná Ozzetti, Naila Skorpio, Natália Barros, Natália Mallo, Negra Li, Neuzinha Brisola, Nilze Carvalho, Patrícia Lobato, Patrícia Marx, Paula Toller, Priscilla Ermel, Regina Casé, Regina Machado, Renata Arruda, Renata Mattar, Rita Altério, Rita Benneditto, Rita Cadillac, Roberta Miranda, Sandra de Sá, Selma do Coco, Simone Guimarães, Socorro Lira, Sônia Bonfá, Suzana Salles, Suzy Capó, Taciana Barros, Tata Fernandes, Tereza Quaresma, Titane, Vanessa Bumagny, Vanessa da Mata, Vanessa Rangel, Vange Leonel, Vange Milliet, Vania Abreu, Verônica Sabino, Virgínia Rosa, Zaba Moreau, Zélia Duncan.

Podemos ver, pela quantidade de compositoras encontradas até o momento, em cada um dos períodos, o salto a partir dos anos de 1960.

Com a chegada do século XXI, o número de compositoras cresceu exponencialmente, muitas delas feministas e ainda lutando, mais de 90 anos depois do livro de Virginia Woolf, por um teto todo seu e 500 libras para viverem e criarem. Também cresceu o número de pesquisadoras sobre o tema, o que é uma grande alegria. Temos nossas escritoras mapeadas e as muitas outras artes, incluindo a música, com muitas mulheres esperando pelo justo resgate de seus nomes e suas obras.



ALVIM, Vânia Maria Guimarães. *Babi de Oliveira*: recortes de vida, da obra e catalogação de suas composições para canto e piano. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

BARONCELLI, Nilcéia Cleide da Silva. *Mulheres compositoras*: elenco e repertório. São Paulo: Roswitha Kempf, 1987.

C. da C. A mulher. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 571, 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/706914/561>>. Acesso em: 1/3/2019.

CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile*: dal tempi colonial al nostri giorni (1549-1925). Milano: Fratelli Riccioni, 1926.

COUTINHO, A. A. da Cruz. *Trovador*: coleção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc. Porto: Portugal: Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

GOMES, Tapajós. Gina de Araújo. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, fev. 1927. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10985>>. Acesso em: 1/3/2019.

GOTLIB, Nâdia Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: Brandão, Izabel, Muzart, Zahidê. *Refazendo nós*: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Editora Mulheres, p.19-72, 2003.

MARCONDES, Marcos Antônio. *Enciclopédia da música brasileira*: popular, erudita e folclórica. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1998.

MARCONDES, Marcos Antônio. *Enciclopédia da música brasileira popular. Seleção dos verbetes Zuza Homem de Mello*. São Paulo: Art Editora: Publifolha, 2000.

MOURA, Fernando. *Jackson do Pandeiro*: o rei do ritmo. São Paulo: Editora 34, 2001.

MURGEL, Ana Carolina A. T. *A canção no feminino, Brasil, século XX. Labrys: Études Féministes / Estudos Feministas*, v. 18, p. 1-33, juil. / déc. 2010 – jul./dez., 2010.

MURGEL, Ana Carolina A. T. *Mulheres compositoras no Brasil dos séculos XIX e XX*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 3, p. 57-72, nov. 2016. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10673_ANA+CAROLINA+ARRUDA+DE+TOLEDO+MURGEL>. Acesso em: 1/3/2019.

MURGEL, Ana Carolina A. T. *Compositoras brasileiras na canção popular: contracultura ou contracondutas?*. In: Rago, Margareth; Gallo, Silvio. *É inútil revoltar-se? Foucault e as insurreições*. São Paulo: Intermeios, 2018.

MURGEL, Ana Carolina A. T. *Cartografias da canção feminina*: compositoras brasileiras no século XX. Pesquisa de Pós-doutorado em História Cultural com apoio da Fapesp. Site em construção em <http://www.compositoras.mpbnet.com.br>.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Eli Maria. *Nós, as mulheres (notícias sobre as compositoras brasileiras)*. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 1986.

SANTA CRUZ, Maria Áurea. *A musa sem máscara*: a imagem da mulher na música popular brasileira. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

Sites

Acervo de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional <http://www.bn.br/acervo/musica-arquivo-sonoro>

Acervo Digital da Biblioteca Nacional <http://bndigital.bn.br/acervodigital/>

Arquivo Nirez

<http://arquivonirez.com.br/>

<https://ims.com.br/titular-colecao/nirez/>

Casa do Choro

<http://www.casadochoro.com.br>

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira

<http://www.dicionariompb.com.br>

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Instituto Memória Musical Brasileira

<http://www.memoriamusical.com.br>

Instituto Moreira Salles: Música

<http://www.ims.com.br/ims/explore/acervo/musica>

Canções citadas

Brasil rock (Carolina Cardozo de Menezes). Gravada por Carolina Cardoso de Menezes em 78 RPM 14.191 (Odeon/1957).

Cabocla Tereza (Raul Torres e João Pacífico). Gravada por Raul Torres e Serrinha em 78 RPM 34.642-a (Victor/1940).

Contigo só posso eu (Uma joven fluminense). Citada em COUTINHO, A. A. da Cruz. *Trovador*: coleção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc. Porto: Portugal: Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Eu posso com mais alguém (Anônimo). Citada em COUTINHO, A. A. da Cruz. *Trovador*: coleção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc. Porto: Portugal: Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Franqueza rude (João B. Fittipaldi e Caramuru). Gravada por Mário Pinheiro em 78 RPM 121.328 (Odeon/1917).

Lama (Paulo Marques e Aylce Chaves). Gravada por Linda Rodrigues em 78 RPM 16.559-a (Continental/1952).

Lampião de gás (Zica Bérgami). Gravada por Inezita Barroso no LP *Vamos falar de Brasil* (Copacabana/1958).

Maria Ninguém (Carlos Lyra). Gravada por João Gilberto no LP *Chega de saudade* (Odeon/1959).

Mesmo que seja eu (Roberto Carlos e Erasmo Carlos). Gravada por Erasmo Carlos no LP *Amar pra viver, ou morrer de amor* (Polydor/1982) e por Marina Lima no LP *Fullgás* (Polygram/1984).

Na subida do morro (Geraldo Pereira, Moreira da Silva e Ribeiro Cunha). Gravada por Moreira da Silva em 78 RPM 16.553-a (Continental/1952).

Nega maluca (Evaldo Ruy e Fernando Lobo). Gravada por Linda Batista em 78 RPM 08-0631-a (RCA Victor/1950).

Nocturno (Gina de Araújo). Citada por Tapajós Gomes em seu artigo na revista *Ilustração Brasileira*.

Os home implica comigo (Pixinguinha e Carmen Miranda). Gravada por Carmen Miranda em 78 RPM 33.331-a (Victor/1930).

Pagu (Zélia Duncan e Rita Lee). Gravada por Rita Lee e Zélia Duncan no álbum *3001*, de Rita Lee (Universal Music/2000).

Rude franqueza (autoria desconhecida). Gravada em 1920 por Alda Garrido.

Uma vida só [Pare de tomar a pílula] (Odair José e Ana Maria). Gravada por Odair José no LP *Odair José* (Polydor/1973).



L Í R I C A S H I S T Ó R I C A S

Líricas Históricas: com uma abordagem cronológica, apresentam repertório que traz à luz a obra e a história de compositoras representantes de várias fases da música brasileira, especialmente a de concerto, muitas delas sem reconhecimento público, apesar de uma produção relevante. O grupo é formado por Gabriela Geluda, Anastácia Rodrigues, Priscilla Ermel e Vanja Ferreira.

Gabriela Geluda

É bacharel em Canto Lírico pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), mestra em Música Antiga pela Guildhall School of Music and Drama (Londres) e formada na técnica de Alexander pelo Alexander Technique Studio (Londres). Exerce intensa atividade como cantora especializada em repertório contemporâneo. Participou de bienais, festivais de música, recitais camerísticos, concertos com orquestras, óperas e musicais no Brasil, França, Alemanha, Argentina, Bolívia e EUA, apresentando peças, muitas vezes, em suas estreias mundiais.

Anastácia Rodrigues

Iniciou seus estudos musicais no Coral São Pedro Mártir de Olinda e Conservatório Pernambucano de Música. Tem formação em Música e Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, com especialização em Linguística. Atua como preparadora vocal e, como solista, participou de vários festivais internacionais (EUA), recitais de Música Antiga, óperas e concertos. Desenvolveu trabalho camerístico e autoral com grupos de choro e quinteto vocal. Como percussionista, trabalhou com grupos tradicionais de coco e maracatu, tendo posteriormente desenvolvido pesquisa e atuação no repertório de Música Afro-Brasileira. Atualmente é a regente do Coral Afro-brasileiro de Mulheres.

Priscilla Ermel

Compositora autodidata de inúmeras canções, músicas de concerto e trilhas sonoras, alimenta sua arte bebendo direto na fonte de diferentes culturas, utilizando os instrumentos musicais e a própria voz como meio de conhecimento e expressão de sua obra autoral. Discípula e amiga de H. J. Koellreutter, é doutora em Sociologia da Música Africana pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Etnomusicologia Indígena pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pesquisadora associada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com especialização em Comunicações Interculturais no Laboratoire d'Anthropologie Sociale (LAS) do Collège de France, Paris.

Vanja Ferreira

Solista na Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense (UFF), é professora no Conservatório de Música de Niterói e doutoranda em Música pela UniRio. Com notória atuação no país, gravou para Rádio MEC e TV Brasil. Premiada no projeto Rumos Itaú Cultural Música, apresentou suas primeiras audições na Bienal de Música Brasileira Contemporânea e em festivais internacionais. Realizou os projetos *Você conhece a Harpa?*, *Muito prazer*, *Eu sou a Harpa*, além da direção artística do I Rio Harp Festival, e representou o Brasil na *24èmes Journées Internationales de la Harpe dans la Caraïbe et en Guyane*.



Programa

1 Wãnzet Mberewá

[Músicas femininas cantadas em Tupi-Mondé, etnia Cinta-Larga] (Melodia recolhida por Priscila Ermel)

2 Terra-Mãe

(Priscilla Ermel)

3 The sand dunes dance

(Tatiana Lima Castro)

4 Ouço vozes que se perdem nas veredas que encontrei

(Jocy de Oliveira)

5 Pedido

(Música de Lycia de Biase Bidart e poesia de Cecília Meireles)

6 Ê bango-bango-ê

(Dinorá de Carvalho)

7 Festa de Ogum

[Canção folclórica] (Arranjo de Babi de Oliveira)

8 Trova de muito amor para um amado senhor

(Música de Kilza Setti e poesia de Hilda Hilst)

9 A chuva

(Música de Nênia Carvalho Fernandes e poesia de Augusta de Oliveira Machado)

10 Noitinha

(Música de Helza Cameu e poesia de Florbela Espanca)

11 Cega cigana

(Priscilla Ermel)

12 Leontina

(Chiquinha Gonzaga)

13 Atraente

(Chiquinha Gonzaga)

14 Provocadora

(Uma amadora¹¹)

15 Amendoim

(Chiquinha Gonzaga / Adaptação de Anastácia Rodrigues)

16 Canção

(Música de Cacilda Campos Borges e poesia de Yveta Ribeiro)

17 Sem você

(Otília Amorim)

18 Flor da Esperança

(Francisca Pinheiro d'Aguiar)

19 Avós da minha voz

(Priscilla Ermel)

20 É delícia ter amor

(anônima)

¹¹ Compositora não identificada, na publicação original consta como autoria "Uma amadora".

Letras das músicas

Wãnzet Mberewã

[Músicas femininas cantadas em Tupi-Mondé,
etnia Cinta-Larga]
(Melodia recolhida por Priscila Ermel)

Iena tirangã
Ango kapibaiá
Iena tirangã
“Vou cozinhar um pouco”
Panatê vapuiandá
Panatê vapuiandá
Y ke ãn
“Eu vou buscar água, vou fazer a chica”
Y kara y kine
Y kininka
Y kara marangaré
Y kininka a
“Eu vi a chica, vou olhar o rio. O rio é bonito”

Terra-Mãe

(Priscilla Ermel)

Terra-Mãe
Terra-chão
Terra-dor
contorceu
contraiu
e gerou
o filho-flor
tão doce
tão frágil
de sangue
tão meigo
foi o corpo que nasceu

Filho-grão
filho-pão
filho-flor
distorceu

e traiu
o amor
da Terra-Mãe
tão crua
tão nua
tão pura
amargura
é hoje o corpo de tua mãe.
Terra-Mãe
Terra-chão
Terra-amor
distendeu
distraiu
o temor
de perder
o filho-semente
que quer se matar
ferindo o ventre
que é o seu próprio lar

Ao que chamam enxada
feriu
o corpo de nossa mãe!
Terra-Mãe
sábio chão
sábio amor
contorceu
contraiu
e gerou
doces palavras: - Filho meu,
saiba
que a morte é um momento
que a vida abandona
ao nascer

Pedido

(Música de Lúcia de Biase Bidart
e poesia de Cecília Meireles)

Armem a rede entre as estrelas
Para um descanso secular
Os conhecidos – esquecê-los
E os outros, nem imaginar

Armem a rede!

Chamem o vento, um grande vento
Aéreo leão, para amarrar
Sua juba de esquecimento
A esta rede, entre Deus e o mar
Chamem o vento

Não falem nunca mais daquela
Que oscila, invisível, pelo ar
Não digam se foi triste ou bela
Sua vocação de cantar
Não falem nela

Ê bango-bango-ê

(Dinorá de Carvalho)

Ê bango-bango-ê
Caxinguelê eh
Come coco no cocá, ah!
Tangoarirá

Ê bango-ê, bango-ê
Caxinguelê
Ê bango-bango ê
Caxinguelê

Come coco no cocá
Come coco no cocá, ah!

Festa de Ogum

[Canção folclórica]
(Arranjo de Babi de Oliveira)

Hoje é dia de Ogum
Vamos todos festejar
Com a benção de Olorum
Ogum vem pra nos salvar

Ogum estava de ronda
Ogum veio rondar
Auê, Auê,

Rompe mato, Ogum Megê.
Hoje é dia de Ogum

Vamos todos festejar
Com a benção de Olorum
Ogum veio nos salvar.

Trova de muito amor para um amado senhor

(Música de Kilza Setti e poesia de Hilda Hilst)

Nave
Ave
Moinho
E tudo mais serei
E tudo mais serei
Para que seja leve
Meu passo em vosso caminho
Ah!

A chuva

(Música de Nênia Carvalho Fernandes e poesia de
Augusta de Oliveira Machado)

Contemplo a chuva e sinto o pensamento
A desprender-se e para ti fugir
Asas lhe dou e o amor a seu intento
E a chuva sempre a cair
Ruge além o trovão, sibila o vento
E em minha alma uma luz
Sinto a fulgir
E a saudade esse doce sentimento
E a chuva sempre a cair
A chuva passará?
Será que porventura assim mesmo virás?
Eis o que penso enquanto a chuva
Assim vejo cair
Será que ainda verei tua figura
A demonstrar-me o teu amor imenso?

Sim virás,
Mesmo com a chuva assim
Mesmo com a chuva assim
Sempre a cair

Noitinha

(Música de Helza Cameu
e poesia de Florbela Espanca)

A noite sobre nós se debruçou
Minha alma de joelhos põe as mãos e ora
O luar pela colina nesta hora
É água dum gomil que se entornou
Não sei quem tantas pérolas espalhou
Murmura alguém pelas quebradas fora!

Flores do campo humildes, mesmo agora
A noite, os olhos brandos lhes fechou
Fumo beijando o colmo dos casais
Serenidade idílica de fontes
E a voz dos rouxinóis nos salgueirais
Calma
Tranquilidade
Anoitecer
Num êxtase escuto pelos montes
O coração das pedras a bater

Cega cigana

(Priscilla Ermel)

Cega cigana
Arrisco em adivinhar
Onde deitar o corpo suado
Sangue cigano
Ah... gole amargo!
Um copo de vidro
Ainda guarda o meu olhar
Mais bem distorcida
Resto embebida

Nos lábios do mar...

Sangue cigano
Salta-me aos olhos a suplicar
Quem os meus lábios irão molhar
Carne cigana
Espuma do mar...
Um copo de vidro
Ainda guarda o que o corpo sofreu
Mais bem distorcida
Resto embebida
No que não morreu!
Carne cigana
Um charco de vida prá atravessar
Ainda que o engano queira assustar
Cega cigana

Salubre olhar
Um copo de vidro
Ainda aguarda o corpo meu
Mais bem distorcida
Resto embebida
Nos lábios teus...!

Amendoim

(Chiquinha Gonzaga / Adaptação de Anastácia
Rodrigues)

Amendoim torradinho!
Está quentinho!
Amendoim torradinho
Está quentinho, quer comprar?
Amendoim torradinho
Eu mesma torrei agora
Passando aqui pra senhora ver...
Está quentinho!

Canção

(Música de Cacilda Campos Borges e poesia de Yveta
Ribeiro)

Vida
Linda a tua vida
Cheia de sonhos e venturas
Larga quimera contida
Num rosicler de doçura
Flor estrela
Luz perfume
Tudo em ti Deus concentrou
Só não te deu o ciúme
E sem amor te deixou

Sem você

(Otília Amorim)

Não sei por que não queres
os carinhos que te dô
Meu amô, meu amô
Eu vô vivê sozinha abandonada
Vô vivê sem você, sem você

Já te esqueceste, marvado,
Que fui tua companheira
Que contigo passei fome
Lá no Morro da Mangueira

Perdi tudo quanto tinha
Minha casa, meu conforto
P´ra agora te ver com outra
Eu prefiro viver morto

Faço agora minha trouxa
Me despeço com saudade
E estou bem arrependida
De ter-te tanta amizade
Não zomba, sim, meu benzinho
De quem sofre por te amar
Toma cuidado e não rias
Que teu dia há de chegar

Avós da minha voz

(Priscilla Ermel)

Avós da minha voz
Vestiam roupa de domingo
E com um coque todo lindo
Atravessaram belos portais

Avós da minha voz
Guardam silêncios perfumados
Enfeitados de paixões
Aveludados de ilusões
Jogando as cartas do amor
Avós da minha voz
Gotejam notas que vêm de dentro
Em cada estória um novo invento
De mistério e cafunés

Avós da minha voz
Dançavam seus cabelos brancos
Generosamente quente
Abraçou nosso presente
E as crianças aninhou

A fé, menina, a fé,
Cantarolava a minha avó
Lavando a roupa
Tocando a vida simplesmente
Seguindo em frente
E a gente a seus pés
Brincando de um dia ser mulher

É delícia ter amor

(Autoria desconhecida)

É delícia ter amor
É delícia ter amor
A que sabe querer bem,

É desgraça, é desventura
É desgraça, é desventura
Ter amor a quem não tem

Ah! Meu bem, minha sinhá
Meu bem,
Quem ama que culpa tem.





L Í R I C A S T R A N S C E N D E N T E S

Líricas Transcendentes: tratam de repertório relacionado às tradições musicais do meio rural e de composições inspiradas neste universo, considerando o uso da música como meio de comunicação com as divindades, sempre enfatizando o protagonismo da mulher neste contexto, seja como intérprete, seja como tema da obra. Nesta abordagem, a espiritualidade se sobrepõe à técnica e à estética, fazendo valer o aspecto transcendente da obra. O grupo é formado por Déa Trancoso, Ceumar e Cátia de França.

Déa Trancoso

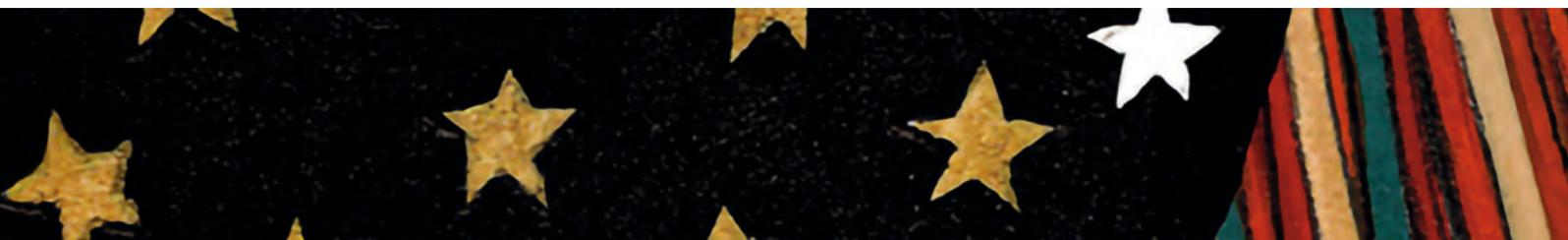
Celebra 30 anos de ofício e navega pelos “circuitos curtos”, percursos trilhados fora da lógica do mercado. Sua arte é leal a valores orientais: o que importa são as pequenas liberdades cotidianas, as invisíveis riquezas, as forças lábeis, a bússola da intuição, a construção de um reservatório de alegria. Sua música impressionista instaura um clima específico e lembra o unicórnio mítico e medieval, forte e puro, como lhe disse Egberto Gismonti, um dia. Suas canções já foram gravadas por Nâ Ozzetti, Mônica Salmaso, Ceumar, Gonzaga Leal, Isabel Nogueira, Carlinhos Ferreira, Carol Ladeira e Wilson Dias. É parceira de Badi Assad, Ceumar, Sérgio Santos, Chico César e Regina Machado.

Ceumar

Cantora, compositora e instrumentista do sul de Minas Gerais, tem 25 anos de carreira. A música foi desde cedo algo natural em casa. O violão aprendeu com o pai, cantor na juventude, e a voz maviosa da mãe a inspirou a cantar. As primeiras composições foram surgindo nesta caminhada de encontro à sua essência e trouxe parcerias especiais com Alice Ruiz, Dante Ozzetti, Tata Fernandes, Déa Trancoso, entre outros. Tem sete álbuns gravados de forma independente e, atualmente, prepara o de número oito.

Cátia de França

De João Pessoa (PB), é cantora, compositora e multi-instrumentista. Com 45 anos de carreira, Cátia gravou seis álbuns e se tornou uma lenda viva da música brasileira. Acompanhou Zé Ramalho na turnê “Avohai”, tocando sanfona. O primeiro LP solo, *20 palavras ao redor do sol* (1979), faz referência aos autores Guimarães Rosa, Lins do Rego e Manoel de Barros. Lançou *Estilhaços* (1980), *Feliz demais* (1985), *Avatar* (1998) e *No bagaço da cana um Brasil adormecido* (2012). Em 2016, em parceria com a Natura, lançou seu mais recente trabalho, *Hóspede da natureza*.



Programa

1 Revisitando Kukukaya de Cátia de França

(Déa Trancoso)

2 Nossa Senhora

(Cátia de França)

3 Maravilha mãe

(Luhli e Bethi Albano)

4 Oração da Flor de Lótus

(Déa Trancoso)

5 Avatar

(Cátia de França)

6 O arco-íris

(Metra Virgínia)

7 Kukukaya

(Cátia de França)

8 Mãe

(Ceumar)

9 Beira-mar da Leonor

(Autoria desconhecida / Adaptação de Maria Lira)

10 Es tan rico

(Ceumar)

11 Eu

(Cátia de França e Florbela Espanca)

12 Eu

(Érika Machado)

13 Epigrama nº 7

(Ceumar e Cecília Meireles)

14 Mnemosyne

(Déa Trancoso)

15 Coito das araras

(Cátia de França)

16 Artemis

(Deh Mussulini)

17 O intenso

(Ceumar e Elaine Pettersen Moraes)

18 Cátia de França

(Déa Trancoso)

19 Espelho de Oloxá

(Cátia de França, Khrystal e Regina Limeira)

20 Shakti

(Ceumar e Déa Trancoso)

21 Batuques

(Autoria desconhecida / Adaptação de Mãe Augusta e Ana Rocha)

22 Água lustral

(Karina Mello Arantes)



Letras das músicas

Revisitando Kukukaya de Cátia de França

(Déa Trancoso)

Três kukukayas
Três kerekerês
Nanã, Yansã, Oguntê
Saluba embaralha
O jogo de conhecer
As cartas da vida
A hora de ver
Ventoyá ventarola
Troveja no mar
Ôdoyá roda a saia
E o mundo gira
Zum, zum, zum...
Saravá!

Kerekerê vai abrir o portão
Kerekerê vai rimar a canção
Kerekerê Exu-rei, laroîê!
Kerekerê pra você que nos ouve
Kerekerê pra quem veio nos ver
Kerekerê Exu-rei, laroîê!
Kerekerê Exu-rei, laroîê!
Kerekerê Exu-rei, laroîê!
Kerekerê Exu-rei, laroîê!

Nossa Senhora

(Cátia de França)

Nossa Senhora vem dar um passeio
Arruma as vestes, Jesus junto ao seio
Assim que seus pés pisam a terra
Mosteiro prepara uma festa
No Altar, se acende uma vela
No Congá, se acende uma vela
No Roncó, se acende uma vela
No Ylê, se acende uma vela
Nossa Senhora no trono de luz

Não profere nenhuma palavra
Da vaidade tira logo essa trava
Prepotência fique longe dessa casa
Sua visita é um resgate
Se alguém bate a porta se abre
No Altar, se acende uma vela
No Congá, se acende uma vela
No Roncó, se acende uma vela
No Peji, se acende uma vela

Maravilha mãe

(Bethi Albano e Luhli)

Tiro o peso, o pé do mundo em meu peito
Teu dom, teu dó
Quero ser livre, quieta, quero achar o jeito
Me ensina a ser só
Luz da tua mão, de teu amor perfeito
Luz me dá
O teu dom recebo, teu poder aceito
Teu som, teu sol, teu lá
Quero seguir pela mão de Oxum
Mãe Aieieu
Todo sal, começo e fim provar
Yemanjá Oyã
No colo do tempo me entronar de rei
Adorei Nanã
O futuro, o vento em que viajarei
Eparrey Yansã
Mar, Ave, Ilha, Yabá
Maravilha Mãe, Oyá!!!
Mar, Ave, Ilha, Yabá

Oração da Flor de Lótus

(Déa Trancoso)

Quando eu era Flor de Lótus
Me banhava em luz dourada
Eu não sabia de nada
E mesmo assim, tudo era bom
Imanente, eu me encarnei
E entrei nesse planeta
Vindo direto da estrela
Dona do céu e do som
O meu dom está em mim
O vento que me botou
Soprou no meu coração
Canção mística sem fim
Encarnada e bem humana
Corro meus dias assim
Meditando em Querubim
Sou meu próprio mestre – Yang e Yin
Ouço o mar se revirando
E Yemanjá anunciando
Os tufões de Yansã
Ogunhê, meu pai celeste
Voa sobre meu nordeste
E eu viro talismã
Egunita roda e gira
Queima tudo que não presta
Equilibra o que me resta
Abre o tempo de Olorum
Numa fresta, eu vejo o amor
E me lanço sem demora
Salto por cima das horas
Desencarno e viro flor

Avatar

(Cátia de França)

E veio as águas
Foi num estrondo
O mundo e o mundo
Um lençol aquático
Uma língua limpando
Todos, tudo e o mundo
Deus se fez peixe
Quatro crianças ele salvou
Os quatro Vedas
As quatro raças
Tranças dos seus cabelos Deus
E veio as águas
Deus Tartaruga
Na terra e na água

A vida manifesta
A coroa na testa de Deus
Rama hey, Rama hey
Krishna, Jeová, Judá
Rama hey, Rama hey
Krishna, Orixalá!

O arco-íris

(Mestra Virgínia)

O arco-íris bebe água lá no mar
Quando ele quer despejar
É lá por cima da serra
As nuvens gela
Faz sua circulação
Quando ela cair no chão
A gente apanha e bebe dela

Kukukaya

(Cátia de França)

São sete jogadores nessa mesa
Frente a frente para jogar
São quatro cabra de peia
No desafio do jogo da bruxa
Em noite de lua cheia
São quatro jogadores nessa mesa
Dando as cartas no jogo surdo da vida
Kukukaya, eu quero isso aqui
Kukukaya, olha esse cachorro aqui
Kukukaya, eu quero isso aqui
Kukukaya, olha esse cachorro aqui
São quatro jogadores nessa mesa
Dando as cartas
Sem dar falsa folga a ninguém
São quatro cabra de peia
De riso dócil e rima fácil
Não vá se enganar, hein, meu bem
Eu tenho dois olhos
Eu tenho dois pés
Todos meus olhos vão pros meus pés
E dos meus pés para dentro da terra
Da terra para a morte
Kukukaya, eu quero isso aqui
Kukukaya, olha esse cachorro aqui
Kukukaya, eu quero isso aqui
Kukukaya, olha esse cachorro aqui
Ovo é redondo
Ventre redondo é
Vem amor, vem com saúde
Aonde eu sou chama

Seja você brasa
 Aonde eu sou chuva
 Seja você água
 Kukukaya, eu quero você aqui
 Kukukaya, presta atenção em mim
 Kukukaya, eu quero você aqui
 Kukukaya, mas preste atenção em mim

Mãe

(Ceumar)

Ela foi a primeira voz
 Desde a primeira vez
 Que o som se fez
 Nunca desafinou
 Nunca perdeu o tom
 Cantarolava feliz
 Cada verso diz mais
 Quando vem emoldurado
 Por sua voz
 E eu aprendi muito bem
 Sempre tento ecoar
 A voz primeira
 A voz mais bela
 A voz de mar
 Da minha mãe
 Wilmar

Beira-mar da Leonor

(Autoria desconhecida / Adaptação de Déa Trancoso)

Beira-mar novo
 Não vou, não vou
 Foi só eu é quem sabia
 De Maria Leonor
 Tu já pega com tuas arengas
 Teu ciúme não mata ninguém
 Ai, ai, sou vingador
 Eu levo ela
 Embarcada no vapor
 Ai, ai, ioiô...

Es tan rico

(Ceumar)

Es tan rico
 Bailar con el fuego
 Cambiar con el viento
 Cantar con el tiempo
 Cuando la tristeza insiste en llegar
 Sube las montañas en tu caminar
 Y cuando te canses
 Acuéstate en la luz de la luna
 Y empieza a cantar

Eu

(Cátia de França e Florbela Espanca)

Eu sou a que no mundo anda perdida
 Eu sou a que na vida não tem sorte
 Sou a irmã do sonho e desta sorte
 Sou a crucificada, a dolorida
 Sombra de névoa tênue e esvaecida
 E que o destino amargo, triste e forte
 Impele brutalmente para a morte
 Alma de luto sempre incompreendida
 Sou aquela que passa e ninguém vê
 Sou a que chamam triste sem o ser
 Sou a que chora sem saber por quê
 Sou talvez a visão que alguém sonhou
 Alguém que veio ao mundo pra me ver
 E que nunca na vida me encontrou
 Eu quero amar perdidamente
 Só para amar aqui e além
 Amar mais esse, aquele, o outro
 Amar, amar, amar ninguém

Eu

(Érika Machado)

Eu não sabe de tudo
 Eu não sabe de nada
 Eu sabe muito bem tudo que é legal
 Eu vai sair por aí
 Vai passear, se divertir

Epigrama nº 7

(Ceumar e Cecília Meireles)

A tua raça de aventura
Quis ter a terra, o céu, o mar
Na minha, há uma delícia obscura
Em não querer, em não ganhar...
A tua raça quer partir
Guerrear, sofrer, vencer, voltar
A minha, não quer ir nem vir
A minha raça quer passar...

Mnemosyne

(Déa Trancoso)

A memória da estrela do céu de Pequim
Que faísca meus olhos pulsando a íris
Quando o breu escurece e o dia se vai
A estrela aparece e a luz se refaz
Essa estrela que insiste em não me abandonar
Cada noite ilumina um ponto específico
E meu corpo aceso se põe a cantar
E é tanta alegria que em transe eu levito
Mas ela se esconde lá em Bombaim
E eu procuro por ela em Minas Gerais
Corro gira e gravito o espaço sem fim
E ela reaparece em Taiwan-Yunan Dai
E quando eu fito os olhos do céu
Perguntando o sentido da vida fulgás
A estrela estrela, constela e jaz
E eu estremo e constelo, e não pergunto mais
Porque tudo é mistério da vida que vai

Coito das araras

(Cátia de França)

No coito das araras
Quem passa por lá não para
No coito das araras
Tudo está como sempre foi
O gado pasta no berra boi
Tudo está como sempre foi
No coito das araras
É o arará das almas
O Zé que cantava
É o Sete Casacas
É a sombra do touro êia
Peroba baiã êê
É a sombra do touro êia
Tiborna sertã
Ainda trago nos olhos

A visão da tua imagem
Despenteada, sorrindo
Correndo pela rodagem
Meia distância, meia légua
Légua e meia à à
No fim apanhei
Restou a peia
Légua e meia à à
Você correndo pela rodagem
Légua e meia à à
Despenteada, sorrindo
Légua e meia à à
Hey, hey, ú ú

Artêmis

(Deh Mussulini)

Arco e flecha, eu sou da caça
Lanço flechas de jasmims e cantos
Esta terra que me assenta
- Feminina (Pachamama)
Sou grata por sua fartura e
abundância
Sou a dona de mim mesma
Corro livre com meus cães de caça
Mas nunca luto sozinha
Junto delas existo, persisto e posso gritar!
Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
Vejo surgir outras
E me junto também a muitas
Reconstruir nossa parte da história
Honrar a ancestralidade que nos trouxe até aqui
Meu canto é de outrora
Meu canto é ancestral
Meu canto é pra falar de ontem, hoje e o que
ainda não vi

O intenso

(Ceumar e Elaine Pettersen Morais)

O abismo, o altíssimo
O breu e o brilho
O ébrio e o sóbrio
O ébano e o alvo
O profundo e o raso
O profundo e o raso
Em mim o trovão, o vendaval
Em mim a corredeira, a espiral
Em mim o estio, o torrencial
Só o intenso cabe em mim

Só o intenso cabe em mim
Só o intenso cabe em mim
Só o imenso cabe em mim

Cátia de França

(Déa Trancoso)

A figueira feitiçã
No meio do quintal
É o feitiço ancestral
Da mulher pagã
Figa, cura, fruto doce
França, Amsterdã
Água limpa, tempo rei
Paraíba-mana-terra-sã
A menina escondida
No câncão de fogo
A madeira esculpida
A dona do jogo
Cátia roda o destino
Rindo de manhã
Reza o credo
No santo ofício
E chama Oxalá
Bate o sino
Abre as asas
E vira Orixá

Espelho de Oloxá

(Cátia de França, Khrystal e Regina Limêira)

Desconfio de mim sem melindre
Não sou Deus pra saber de um tudo

Me gasto no amor que é sublime
No tempo me curo, assim me apuro

No meio da praça que existe aqui dentro
Me vejo em protesto, nem tô me cabendo
Demandas do mundo, me importo, pertença
Creio piamente na mudança dos ventos

Tranquilamente em alerta
Alma e cabeça aberta, desperta
Sentindo o silêncio como o pai da conversa
Cada mulher que se impõe nos liberta

Shakti

(Ceumar e Déa Trancoso)

À deriva desse mundo
Esse corpo invisível
Vai driblando tão veloz
O algoz absurdo
Vigiar e punir
É o Leviatã
Mas dançar e luzir
É o céu que me dá
Quando tudo enfim sumir
E a memória levitar
Será no corpo da gente
Que o amor vai brotar
Entre nós, meu amor
Há palavra...
Mas, um dia, haverá
De haver mais nada



Batuques

(Autoria desconhecida / Adaptação de Mãe Augusta e Ana Rocha)

Memec Muc
Dodoc Duc
Duduquim de Dodoc
Memec Muc
Eu vou fazer o meu batuque
Dona Julita tá mandano
Fazer o vestido curto
Pra poder popá o pano
O barui das caixa
Não deixa eu ver
O que que as moça tá falano
Comprei, paguei, dei Maria pra levar
Mata o frango e faz almoço
Que amanhã eu passo lá
Sá Maria mandô me chama
Preu cantá pra minina de lá
Eu cantei, batuquei e namorei
Voltei pra cantá pra minina de cá
Tim tim tim tim tim tim tililim tim
Tim tim tim tim titililim tim
Tim tim tim tim tim tim tililim tim
Tim tim tim tim tim tim
Eu vi Ceumar na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi Catita na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi Dedéia na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi Tiago na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi Gilberto na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi a Sylvia na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi Soninha na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Eu vi cês tudo na beira d'água
Oi comeno arroz e beneno água
Oi comeno arroz e beneno água
Oi comeno arroz e beneno água
Oi comeno arroz e beneno água

Água lustral

(Karina Mello Arantes)

Leve a terra
Leve a água
Todo choro que deságua
Cada gota serve
Cada gota nutre
Cada gota sorri



L Í R I C A S N E G R A S

Líricas Negras: apresentam repertório de músicas relacionadas às tradições religiosas de matriz africana e obras que remetem aos elementos estéticos da cultura africana, somando vozes de resistência a elementos percussivos. Mas também traz obras de compositoras negras que exploraram outras abordagens, em contextos que se relacionam com a música de concerto e com a música popular, ampliando o espectro desta produção para além da segmentação racial. O grupo será formado por Georgia Câmara, Negravat, Rosa Reis e Vanessa Melo.

Geórgia Câmara

Baterista e percussionista, formada em Licenciatura em Música MPB pela UniRio. Integrou a Itiberê Orquestra Família, gravou os álbuns *Pedra do Espia* (2001) e *Calendário do Som* (2006). Musicista dos espetáculos *Elza; L, O musical; O grande circo místico; O samba carioca de Wilson Baptista; Gota d'água*, entre outros. Integra a Orquestra Lunar, Cia. de Arte Flamenca, Flor do Samba, Primavera das Mulheres. Palestrante do primeiro encontro de percussão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ganhou prêmio na categoria Melhor Instrumentista no XXIII Encontro Estadual de Bandas de Música Cívica do Rio de Janeiro. Tocou com Zélia Duncan, Tita Parra, Luiza Borges, Orquestra de Sopros Pro-Arte, Febre do Samba, Carmen La Talegona, entre outros.

Negravat

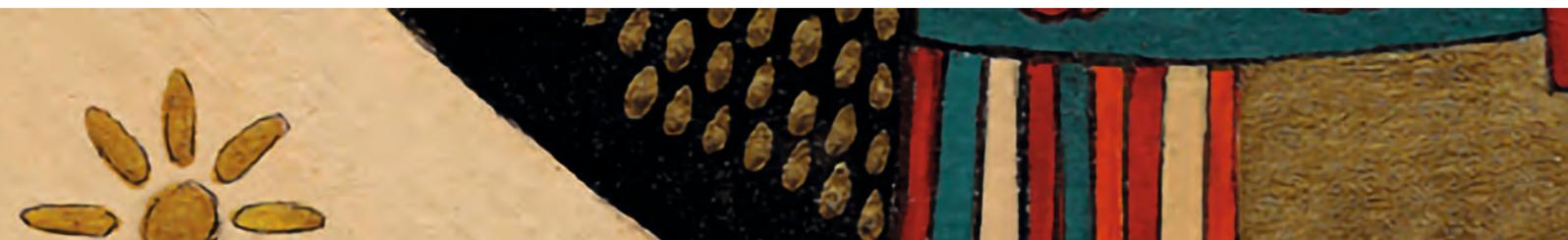
Bacharel em Música com habilitação em Canto Erudito pela Universidade Cruzeiro do Sul, e também formada pelo Coro Acadêmico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), Negravat integra o Bloco Ilú Obá de Min. Mergulha na pluralidade da música do seu eu-artista-mulher-mulher negra, elementos estes que embasam sua pesquisa artística de empoderamento e representatividade.

Rosa Reis

Cantora maranhense, apresenta a música da tradição popular caminhando pelos palcos, saindo dos terreiros e das festas populares para dialogar com a sonoridade de outros instrumentos musicais. Com 30 anos de carreira a artista reforça e valoriza as tradições da cultura negra por meio do canto, das composições e dos ritmos afro-brasileiros, com destaque para o cacuriá, tambor de crioula, coco, bumba boi e divino espírito santo. Na coordenação do grupo Laborarte, desenvolve ações e projetos que visam à manutenção, divulgação e fortalecimento da arte e cultura popular do Maranhão.

Vanessa Melo

Cantora, clarinetista e compositora. Iniciou os estudos na Sociedade Filarmônica Oficina de Frevos e Dobrados. Em 2006, ingressou no curso de Música no Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes. É graduanda em Instrumento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participou do projeto sociomusical Neojibá, como claronista da orquestra principal. É integrante do grupo Rumpilezzinho. Há cinco anos, iniciou a carreira de cantora, realizando shows no Brasil e Europa. Indicada na categoria Revelação Feminina no Festival Nacional de Forró de Itaúnas, em 2015, e vencedora na categoria de Melhor Instrumentista do mesmo festival. Colabora com os projetos da Orquestra Afrosinfônica, Pradarrum e Sonora Amaralina.



Programa

1 Meu divino Espírito Santo

(Autoria desconhecida)

2 Yabás - Orixás femininos

[Obá / Iemanjá / Cantiga para Oxum / Iansã]
(Cantigas tradicionais do candomblé)

3 Marias da canção

(Mestra Samme Sraya)

4 Saudação

(Autoria desconhecida)

5 Dona Maria do Camboatá

(Autoria desconhecida)

6 Catarina

(Autoria desconhecida)

7 Um rio

(Angélica Farias e Verônica Bonfim)

8 Chorando maxixes

(Vanessa Melo)

9 Banca da honestidade

(Didã)

10 Choro de Lera

(Dona Teté)

11 Bonecas pretas

(Larissa Luz)

12 Menina pretinha

(Mc Soffia)

13 Rosinha

(Patativa)

14 Colher de chá

(Patativa)

15 Ela é a rainha

(Dona Ivone Lara)

16 Ciranda das plantadeiras

(Autoria desconhecida)

Letras das músicas

Meu divino Espírito Santo

(Autoria desconhecida)

Meu divino Espírito Santo
Alegrai suas caixeiras
Elas vêm cheirando a rosa
Apanhada da roseira

Brilha prata, brilha ouro
Brilha o resplendor do sol
Também brilha Espírito Santo
No seu estado maior

Que pombo branco é aquele
Lá no céu, bem nas alturas
É o divino Espírito Santo
Abençoando as criaturas

Meu divino Espírito Santo
Vós é pai é soberano
É a flor de todo dia
Roseira de todo ano

Yabás - Orixás Femininos

[Obá / Iemanjá / Cantiga para Oxum / Iansã]
(Cantigas tradicionais do candomblé)

Cantiga para Oxum
Ya ominibu
Ô mirô d'orixá
Ô Lelê, Ô Lelê,
Ô Lelê, Ô Lelê

Oniá berê
Ya berê Ô, Ya berê Ô
Oniá berê
Comã ymã

Marias da canção

(Mestra Samme Sraya)

Dizem que é o sexo frágil
Que tamanha enganação
Na verdade, camarada
Tem a força de um leão
Ô viva Maria das Dores
Ribamar e Conceição
Ô viva todas as mulheres
As Marias da canção
Ô viva mamãe Oxum
Viva Maria Mragão
Salve a índia brasileira
Rainha dessa nação

Saudação

(Autoria desconhecida)

Viva meu Deus
Ê viva meu mestre
Ê quem me ensinou
Ê a capoeira

Dona Maria do Camboatá

(Autoria desconhecida)

Dona Maria do Camboatá
Ela chega na venda, ela manda botar
Dona Maria do Camboatá
Ela chega na venda e dá salto mortá
Dona Maria do Camboatá
Ela chega na venda e começa a gingar
Dona Maria do Camboatá
É do Camboatá, É do Camboatá

Catarina

(Autoria desconhecida)

Sai, sai Catarina
 Saia do mar, venha ver Idalina
 Sai, sai Catarina
 Oh Catarina, venha ver
 Sai, sai Catarina
 Saia do mar, venha, venha ver
 Sai, sai Catarina

Um rio

(Angélica Farias e Verônica Bonfim)

Ciclos que se fecham para que outros possam
 florescer,
 Vida que sempre segue seu fluxo como um rio que
 sabe os caminhos,
 Seus contornos, chiado, remanso...
 Não luta contra as pedras, mas torna-se parte
 delas,
 Não sabe das folhas que irão cair ou das que irão
 lhe acompanhar,
 Mas sabe as que ficarão, conhece os silêncios das
 árvores,
 A cumplicidade de suas sombras
 E não teme onde vai desaguar.

Banca da honestidade

(Didã)

Eu vou no embalo do batalho, eu vou
 Eu vou no embalo do batalho, eu vou
 Honestidade tem em banca de feira
 De segunda a sexta-feira
 No batalho, eu vou

Tem tomate, tem cebola
 Tem arroz Maria Isabel
 Tem cucha e peixe frito
 Proteção de Benedito
 Só no tambor de crioula

Baião de dois, arroz de touça
 Caranguejo e sururu
 Camarão no leite de coco, vatapá
 Carne de porco, caruru e angu
 Honestidade tá no batalho

De amor e alho
 No olho do mercado

Deixar a xepa de caridade
 Pra alimentar a barriga da humildade

Choro da Lera

(Dona Teté)

Boa noite minha gente
 Foi agora que eu cheguei
 Fui chegando e fui cantando
 Se é do seu gosto, eu não sei

Lera chorou
 Lera chorou
 Eu te disse lera
 Vão te tomar teu amor

O coco pra ser coco
 Deve ser coco inteiro
 E o homem para ser homem
 Ele deve ter dinheiro

Nunca vi carrapateiro
 Botar cacho na raiz
 Nunca vi rapaz solteiro
 Ter palavra no que diz

Eu vou dar a despedida
 Como deu a jaçanã
 Não cantamos tudo hoje
 Deixa o resto pra amanhã

Bonecas pretas

(Larissa Luz)

Um caso contestável
 Direito questionável
 Necessidade de ocupar
 Invadir as vitrines, lojas principais
 Referências acessíveis é poder pra
 imaginar
 Mídias virtuais
 Anúncios constantes
 Revistas, jornais
 Trocam estética opressora
 Por identificação transformadora
 Procuram-se bonecas pretas
 Procura-se representação!

Menina pretinha

(Mc Soffia)

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Invadir as vitrines, lojas principais:
Devolva minhas bonecas

Quero brincar com elas
Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

É poder pra imaginar:

Vou me divertir enquanto sou pequena
Barbie é legal, mas eu prefiro a *Makena* africana
Como história de *griô*,
sou negra e tenho orgulho da minha cor
Africana, como história de *griô*,
sou negra e tenho orgulho da minha cor

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Identificação transformadora:

O meu cabelo é chapado, sem
precisar de chapinha
Canto *rap* por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto *rap* por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Rosinha

(Patativa)

O samba da vila não morreu, nem morrerá
O samba da vila não morreu, nem morrerá

Demoliram todo o morro, pode olhar
O samba é que não pode faltar
Rosinha traz o meu apito
Hoje é meu primeiro grito
Que na escola, eu vou dar
E o samba não morreu

Colher de chá

(Patativa)

Bote a trouxa na cabeça
Não se aborreça, vai andar
Você mesmo quis assim
Foi ser falso, ser ruim
Vai pra lá

Vá procurar outro amor
Pra você zombar
Eu que não tive colher
Como é que vou te dar
Colher de chá

Ela é a rainha

(Dona Ivone Lara)

É rainha
É rainha
É nossa amiga
E ela não engana ninguém
É rainha
É rainha
É nossa amiga
E ela não engana ninguém
Ela é rainha
Veio do além
É nossa amiga
Não engana ninguém
Com sinceridade
Todos se dão bem
Vacilou com ela
Vai virar refém

Ciranda das plantadeiras

(Autoria desconhecida)

Eu vim do corpo da minha mãe
Ela me deu semente boa
Nutre meu corpo
Se espalha em bênção
Sou plantadeira de semente boa



L Í R I C A S M O D E R N A S

Líricas Modernas: abordam repertórios da atualidade, com estética mais próxima da música popular, porém ricos em elementos que os distinguem de obras consagradas nos meios de difusão, valorizando a experimentação e o uso de recursos expressivos inovadores, especialmente na voz. O grupo é formado por Lucina, Badi Assad e Regina Machado.

Lucina

Compositora e cantora, tem sete álbuns gravados, o mais recente é *Canto de árvore* (2017), e um DVD. Lucina fez parte da dupla Luli e Lucina, consagrou-se como compositora por meio de intérpretes como: Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Nana Caymmi, entre outros. Em 2015, estreou *Yorimatã*, documentário que retrata vida e obra das artistas e sua original trajetória. O filme foi o vencedor do Festival In-Edit de 2016, representou o Brasil na Mostra internacional em Barcelona. Lucina faz oficinas de Criatividade, Voz, Sons que Curam e Ritmo.

Badi Assad

Canta, toca violão, dança e transforma voz e corpo em música. E tudo ao mesmo tempo! Com 14 álbuns produzidos, *Wonderland* (2006) ficou entre os 100 melhores do ano pela BBC de Londres. O infantil *Cantos de casa* (2014) ganhou o Troféu Cata-Vento da Fundação Padre Anchieta, e a Associação Paulista de Críticos de Arte escolheu Badi na categoria Melhor Compositora com “Amor e Outras Manias Crônicas”. Sua música “Waves” entrou na trilha do filme *It runs in the family* e foi, ainda, listada pela revista Rolling Stones entre os 70 mestres do violão brasileiro. Recentemente, lançou o livro *Volta ao Mundo em 80 Artistas* e teve sua vida homenageada no documentário *BADI*.

Regina Machado

É cantora, compositora, violonista e professora de Canto com larga experiência didática e artística. Possui quatro álbuns lançados, *Sobre a paixão* (2000), *Pulsar* (2004), *Agora o céu vai ficando claro* (2010) e *Multiplicar-se única – canções de Tom Zé* (2015), além de participações, como convidada, em diversos outros trabalhos. É professora da graduação em Música Popular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) bem como do Programa de Pós-graduação em Música. Coordena o grupo de pesquisa Vox Mundi – grupo de estudos da voz popular midiaticizada, erudita e dos povos tradicionais (CNPQ).



Programa

1 Sabiá sabe

(Iara Rennó)

2 Avesso

(Ceumar e Alice Ruiz)

3 Coração inquebrável

(Lucina e Zélia Duncan)

4 Maria pode crer

(Lucina e Alzira E)

5 Khawwleza

[Xhosa]

(Autoria desconhecida / Versão de Luhli)

6 Sinais

(Regina Machado e Déa Trancoso)

7 O voo de Sofia

(Regina Machado e Déa Trancoso)

8 São Paulo

(Regina Machado)

9 Cavala

(Maria Beraldo)

10 Voz

(Silvia Ferreira e Regina Machado)

11 Mulheres do Brasil

(Joyce Moreno)

12 O jogo de vozes

(Badi Assad e Simone Sou)

13 Feminina

(Badi Assad e Simone Sou)

14 Básica

(Tatiana Cobbett)

15 Dedezinha de maiô

(Clarice Assad e Andrea Santiago)

16 Mulheres e cunhatãs

(Badi Assad)



Letras das músicas

Sabiá sabe

(Iara Rennó)

Sabiá sabe que sem água é melhor procurar
Outros cantos pra cantar
Sem cantareira sabiá não vai cantar
Sem cântaros de chuva não vai cantar
Sabiá sabe que sem água é melhor procurar
Outros cantos pra cantar

Avesso

(Ceumar e Alice Ruiz)

Pode parecer promessa, mas eu sinto que você
É a pessoa mais parecida comigo que eu conheço
Só que do lado do avesso
Pode ser que seja engano, bobagem ou ilusão
De ter você na minha
Mas acho que com você eu me esqueço
E em seguida eu aconteço
Por isso eu deixo aqui meu endereço
Se você me procurar eu apareço
Se você me encontrar
Te reconheço...

Coração inquebrável

(Lucina e Zélia Duncan)

Ninguém me contou
Fui eu quem vi seu coração inquebrável
Se espatifar no chão do meu quarto.
Você disse que não, mas guardei
os cacos comigo
Caso houvesse o perigo
de alguma contradição.
Se você quiser, eu colo contigo.
Não vai ficar igual, mas pode até ficar
genial na imperfeição.

Que delícia! Um coração partido
Que encontra enfim um sentido na própria
decepção.

Maria pode crer

(Lucina e Alzira E)

Maria pode ser
Bonita Madalena, da Cruz, da Conceição
Maria pode ser
Iara, Yemanjá, areiê areia
Maria pode ser
Mãe, mulher, sereia
Maria pode ser
Um nome de rainha
Maria pode ser
Um nome de boia-fria
Maria pode estar no meio dos sem-terra
Maria pode estar ganhando alguma guerra
Maria pode crer, pode crer em Maria
Seu nome principia
No meio do coração
Ai, ai, ai Maria Ai, ai, ai Maria

Khauwleza

[Xhosa]

(Autoria desconhecida / Versão Luhli)

Khauwleza, khauwleza mama,
khauwleza
Na beira, na beira
Na beira do abismo há uma luz
Suspensa no espaço
Por mão divina

Sinais

(Regina Machado e Déa Trancoso)

Escuto sinais que a vida manda
 Me atraco no cais que a vida manda
 Nas coisas banais a vida manda
 Nas descomunais a vida manda
 Eu quero saber me entregar
 Eu vou ocupar outro lugar
 Se a vida mandar chegar pra lá
 Já obedeci, já fui, já vi
 Sem me rebelar, já fui, já vi
 E aqui nesse mar que a vida é
 E aqui nesse céu que a vida traz
 Eu sou a canção
 Eu sou a canção
 Eu a canção que a vida faz

O voo de Sofia

(Regina Machado e Déa Trancoso)

De Deleuze a lemanjá
 O pensamento esgrima
 Iná imanente onda do mar
 Sofia abre as asas
 Corta o caos

Seja em Paris
 Seja em Dakar
 Do Cariri e até no Laos
 Sofia abre as asas
 Corta o caos

Espinosa vibra e ressoa em mim
 Pensar é coisa que não tem mais fim
 Nanã disse pra Olorum
 Esse Agamben é um orixá
 Ogum sorriu e concordou
 Pediu pra ele abrir o Ifá

Búzios na mesa
 Dia belo de beleza
 Filosofia da diferença
 Sofia para e pensa
 Sofia pede a bença

Enquanto Kant faz linha dura
 O velho Nietzsche diz que ela cura
 De Deleuze a lemanjá
 O pensamento esgrima!

São Paulo

(Regina Machado)

O som que a cidade fala
 O som que a cidade inventa
 O som que a cidade alenta, acalanta o meu
 lamento
 É São Paulo barulhento
 É que o santo é bom de briga
 Tece seu manto cinzento com o véu da nossa
 neblina
 Esse clima assim urbano
 Europeu, meio baiano
 Que seduz em pensamento
 Faz a paixão brotar
 Transitando em pleno ar
 E um desejo perpassa a pele, rompe essa
 carne nua
 Atravessa tantas camadas até vai bater na lua
 Que ilumina essa cidade, que inventa a sensação
 E o som que a cidade canta alenta meu coração
 O som que a cidade inventa alimenta meu
 coração

Cavala

(Maria Beraldo)

Uma cavala
 Ela cavalaria
 Ela tão lisa
 Ela cavala
 Uma cavalgaria
 Sua tão lisa coisa tão lisa
 Eu morreria de você me dar
 Morreria
 Teu cheiro encarnar na cavalaria

Uma cavala
 Ruiva cavalaria
 Ela tão linda
 Ela cavala
 Uma selvageria
 Sua tão linda coisa tão lisa
 Eu morreria de você me dar
 Morreria
 Teu sonho encarnar na cavalaria

Voz

(Sílvia Ferreira e Regina Machado)

Quando ouço essa voz
Penso:
Essa voz é minha?
Minha voz
Alma gêmea do meu som
E pra nós
A canção é mais que um dom
Desata os nós
Reúne a gente de todos os santos
Reverencia os cantos
Essa voz
Que é como o sol caindo sobre o mar
Que é como navegar
Por sobre a água azul

Mulheres do Brasil

(Joyce Moreno)

No tempo em que a maçã foi inventada
Antes da pólvora, da roda e do jornal
A mulher passou a ser culpada
Pelos deslizos do pecado original.
Guardiã de todas as virtudes
Santas e megeras, pecadoras e donzelas
Filhas de Maria
Ou deusas lá de Hollywood
São irmãs porque a mãe Natureza
Fez todas tão belas.
Oh! mãe, oh! mãe
Nossa mãe, abre o teu colo generoso
Parir, gerar, criar e provar
Nosso destino valoroso.
São donas de casa
Professoras, bailarinas
Moças operárias, prostitutas meninas
Lá do breu das brumas,
Vem chegando a bandeira
Saúda o povo e pede passagem
A mulher brasileira.

Feminina

(Badi Assad e Simone Sou)

Mulher do mundo
Mulher que mexe e remexe
Com a alma do mundo
Mexe o corpo, mexe a mente
Mexe com toda a gente

Mães e filhas
Musas e meninas
Música feminina

Básica

(Tatiana Cobbett)

De blusinha branca
Calcinha vincada, cintinho dourado
Eu fui viajar
De blusinha branca
Uma flor na lapela, uma saia amarela
Eu saí pra dançar
De blusinha branca
Coração apertado, um nego do lado
Eu fui me vingar
De blusinha branca
Desci a ladeira, com a mão nas
cadeiras
E fui trabalhar

O branco diz que é paz
Se é branco, tinge mais
Faz traje pro louvor
Pra noiva, pro doutor
A moda vem e vai
Fica difícil acompanhar
Mas de blusinha branca
Eu vou a qualquer lugar

Dedezinha de maiô

(Clarice Assad e Andrea Santiago)

Era um dia ensolarado e quente
Dia bom pra refrescar
Ela veio toda sorridente
Procurando seu maiô

E ainda dentro de uma caixa
Foi então que se lembrou
Ao abrir feliz o seu presente
Viú que era um maiô de flor

Ela vai saltitando, é verão

Ela quer ir à praia
De baldinho na mão
E chapéu bufão
Protetor solar
Pra não se queimar
Ela corre pro mar, é verão

Pula, brinca na água
 Vem um peixe no pé
 Foge da maré
 Se embola na areia
 Planta bananeira
 Monta um castelo
 Ela já virou sereia...

Mulheres e cunhatãs

(Badi Assad)

Nós, que trazemos um vulcão dentro do coração
 Eruptivas, germinamos toda nossa emoção
 Impermeável maré, incansável fé,
 No peito um enxame de abelhas
 Que morde e que dá mel, que zumbe
 e cheira a flor
 Que amedronta e que é mistério

Nós, sem nós na garganta
 Sem sermos santas, poder que emana
 Pequenas e tamanhas fogueiras
 de inquietante pulsar
 Recriando tudo com toda a lucidez

Esquadrilha mágica de corações abertos
 Correntes elétricas, oásis no deserto
 Decifrando segredos, seres do amanhã
 Anciã, mãe, índia, maga, cunhatã
 Crias nas mãos de tupã, forças de titã
 Milhares de corpos em imã

Nós, sem nós na garganta
 Sem sermos santas, poder que emana
 Pequenas e tamanhas fogueiras de
 inquietante pulsar
 Recriando tudo com toda a lucidez

Um forno ligado. Um micro, macro ser
 Um vendaval de verdades, um arsenal
 de paisagens
 Furacão de amor, caleidoscópio
 Hipotálamo, helicóptero de aura selvagem

Um balde de beijos humanos,
 Uma fralda nos fragosos anos
 Um caldo nas caldas profanas
 Um canto no canto solitário,
 Uma alma na voz do mundo
 Uma semente no ventre mudo, mudança.



Compositoras



Déa Trancoso



Bethi Albano

créditos das fotos:

Déa Trancoso | foto de César Duarte

Bethi Albano | foto de Felipe Varanda Barbosa

Badi Assad | foto de Ricardo Ferreira

Lira Marques | foto de José Lourival Figueiró

Cátia de França | foto de César Duarte

Ceumar | foto de César Duarte

Lucina | foto de Ricardo Ferreira

Luhli | foto de Júlia Borges

MC Soffia | foto de Marcelo Camargo

Deh Mussuline | foto de Henrique Bocelli

Priscilla Hermell | foto de César Duarte

Tatiana Cobbett | foto de Luiza Filippo

Regina Machado | foto de Ricardo Ferreira

Maria Beraldo | foto de Jonathan Wolpert

Vanessa Melo | foto de César Duarte



Badi Assad



Lira Marques



Cátia de França



Ceumar



Lucina



Luhli



MC Soffia



Deh Mussuline



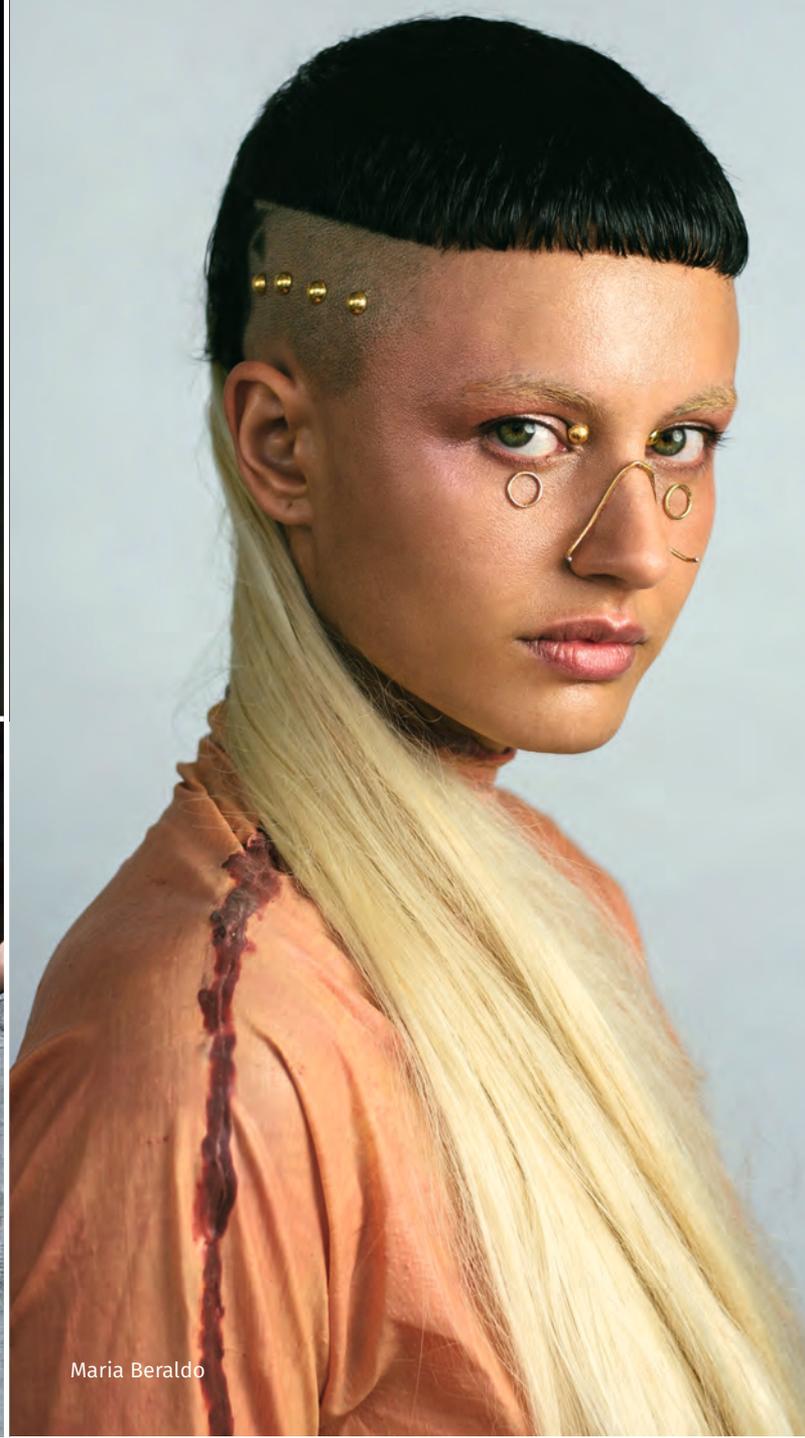
Priscilla Hermell



Tatiana Cobbett



Regina Machado



Maria Beraldo



Vanessa Melo

Biografia das Compositoras

Alice Ruiz (1946) **Curitiba (PR)**

Poeta e compositora, Alice compôs sua primeira canção, “Nós fumo”, em parceria com Paulo Leminski. Com dois prêmios Jabuti por sua obra, tem como principais parceiros Itamar Assumpção, Alzira E, Ná Ozzetti, Ceumar, Chico César, Zé Miguel Wisnik e Arnaldo Antunes, entre outros. Dentre suas canções, destacamos “Milágrimas” com Itamar Assumpção e “Socorro”, com Arnaldo Antunes. Em 2005, gravou o álbum *Paralelas*, pela produtora Duncan Discos, em parceria com Alzira E.

Alzira E (1957) **Campo Grande (MS)**

Cantora, compositora e violonista, Alzira iniciou sua carreira com seus irmãos: Tetê Espíndola, Geraldo Espíndola e Celito Espíndola, no lançamento do LP “Tetê e o Lírio Selvagem (1978/80). Com nove álbuns gravados, destacamos *Amme* (1991), *Peçamme* (1996), *Paralelas* (2005), em parceria com Alice Ruiz, e *Pedindo a palavra* (2011), com suas parcerias com o poeta Arruda. Tem como principais parceiros Itamar Assumpção, Alice Ruiz, Luhli, Lucina, Tetê Espíndola e o poeta Arruda.

Andrea Santiago (1983) **Niterói (RJ)**

Andrea Santiago é atriz e teórica do Teatro. Sua ligação com a arte vem desde a infância, incluindo literatura e música, com referências de grandes artistas como Tom Jobim, Vinícius, Toquinho e Milton Nascimento. Andrea tem contos e letras de músicas publicadas em editoras independentes. Algumas de suas parcerias com Clarice Assad foram gravadas pela musicista, além de Badi Assad, Carlos Malta e Pandeiro Repique Duo.

Angélica Faria (1957) **Rio de Janeiro (RJ)**

Radicada em Nova York, Angélica tem apresentado seus trabalhos em concertos e festivais, no Brasil e no exterior. Tem se dedicado à pesquisa interdisciplinar, escrevendo para Dança, Teatro e Cinema.

Babi de Oliveira (1908 — 1993) **Salvador (BA)**

Diplomou-se em Piano em 1927, na cidade de Salvador. Compositora de várias peças e com reconhecimento internacional, Babi teve como referência, desde ainda garota, o ecletismo musical e religioso presente na Bahia. A primeira gravação de uma canção sua foi por Inezita Barroso, no LP *Inezita apresenta...*, de 1958, destacando-se a canção “Maria Macambira”, parceria de Babi com sua irmã Orádia de Oliveira.

Bethi Albano (1953) **Rio de Janeiro (RJ)**

Cantora, compositora e professora. Com extenso caminho musical, Bethi tem formação em violão clássico e popular. Fez estágio no Théâtre National de L’Ópera de Paris, no Centre Georges Pompidou (Beaubourg) e foi professora convidada da Fédération de Centres Musicaux de France. Com Luhli, gravou, em 2002, o álbum *Todo céu pra voar*. Participou dos grupos: Batucantá, As Três Marias, Divino Emarranhado, entre outros. Tem como parceiros Ceumar, Luhli, Suely Mesquita, Mathilda Kóvak, Marcia Zanellatto, Joana Lyra e Ruy Aragão.

Cacilda Borges Barbosa (1914 — 2010) **Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, pianista, cantora, professora e regente. Cacilda foi uma das pioneiras no Brasil de música eletrônica, por meio de experiências com fitas magnéticas. Participou ativamente dos projetos educacionais de Villa-Lobos, tendo se tornado a primeira mulher a dirigir o atual Instituto Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.

Cátia de França (1947)**João Pessoa (PB)**

Cantora, compositora e multi-instrumentista. Em mais de 40 anos de carreira, Cátia gravou seis álbuns. Suas canções já foram gravadas por grandes nomes da MPB, como Elba Ramalho, Amelinha e Xangai. É autora dos clássicos da canção brasileira “Kukukaya” e “Coito das araras”.

Ceumar (1969)**Itanhandu (MG)**

“Cantautora”, como prefere ser chamada, Ceumar apaixonou-se pela canção ainda criança, tendo aulas de piano com sua irmã e cantando no coral da cidade. Aos 15 anos, ganhou um violão do pai. Dona de uma voz única e com sete álbuns produzidos, sua primeira composição gravada foi “Averso”, parceria com a poeta Alice Ruiz.

Chiquinha Gonzaga (1847 — 1935)**Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, maestrina, pianista e professora. Neta de escrava liberta e a primeira mulher a reger uma orquestra, Chiquinha compôs sua primeira música em 1860, mas foi em 1877 que se tornou profissional. Foi responsável pela criação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), com o intuito de proteger direitos autorais. Tem por volta de 264 composições catalogadas, sendo as mais conhecidas “Atraente”, “Ô abre alas”, “Lua branca” e “Corta jaca”.

Clarice Assad (1978)**Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, pianista, cantora e arranjadora. Clarice vem de uma família dedicada à música: é filha de Sérgio Assad e Celia Maria Vasconcelos da Cunha, sobrinha de Badi Assad e Odair Assad. É bacharel em Música pela Universidade Roosevelt em Chicago e tem mestrado em Composição pela Universidade de Michigan. Radicada nos Estados Unidos, recebeu vários prêmios por suas composições, como o The Aaron Copland Award.

Déa Trancoso (1964)**Almenara (MG)**

Compositora, cantora e multi-instrumentista, Déa é formada em Jornalismo. Com pai e mãe seresteiros, tem também como referências as vozes do rádio e das manifestações populares do Vale do Jequitinhonha, além do catimbó, coco, acalanto, lundu, congo dobrado, maracatu, batucão, moda de viola, samba de caboclo e de roda. Tem cinco álbuns gravados (um deles inédito) e parcerias com Regina Machado, Badi Assad, Paulinho Pedra Azul, Deh Mussulini e Ceumar, entre outros.

Deh Mussulini (1987)**Belo Horizonte (MG)**

Compositora, cantora e violonista, Deh é formada em música pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e trabalha com a canção desde os 14 anos. É idealizadora do Coletivo ANA, da Mostra Mulheres Criando e do festival Sonora – Ciclo Internacional de Compositoras, que acontece em mais 14 cidades e em 5 países. Lançou, em 2015, *Varanda aberta*, seu primeiro álbum autoral.

Didã (1967)**São Luís (MA)**

Compositora e cantora, Didã iniciou sua carreira num festival de música gospel, substituindo sua irmã. Participou da Banda Real, integrada por músicos da atual Banda de Jah, onde se aproximou do *reggae*. Sua canção traz referências diversas além do *reggae*, como o *blues*, fado, coco e xote, entre outros.

Dinorah de Carvalho (1895 — 1980)**Uberaba (MG)**

Compositora e pianista, Dinorah iniciou seus estudos ainda menina no Conservatório Dramático e Musical quando a família se transferiu para São Paulo. Nesse período, foi colega de Mário de Andrade e Francisco Mignone. Com Lamberto Baldi, continuou seus estudos de composição e regência, e com Martin Braunwieser estudou orquestração. Foi uma das fundadoras da Orquestra Feminina de São Paulo. Dentre suas obras, destacam-se “Serenata da saudade”, para orquestra de câmara, “Arraial em festa” e as três “Danças brasileiras”, para piano, cordas e percussão.

Dona Ivone Lara (1921 — 2018) **Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, cantora, multi-instrumentista, Dona Ivone Lara se formou em Enfermagem e Serviço Social, profissões que trabalhou até se aposentar, tendo colaborado nesse período com a Dra. Nise da Silveira. A primeira composição foi “Tié”, com Mestre Fuleiro e Tio Hélio, aos sete anos. Foi a primeira mulher a integrar uma Ala de Compositores em escola de samba, no Império Serrano, em 1965, tendo sido também uma das fundadoras da escola. Tem como principais parceiros Délcio Carvalho, Nelson Sargento, Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira e Jorge Aragão, entre outros.

Dona Teté do Cacuriá (1924 — 2011) **São Luiz (MA)**

Compositora, cantora e percussionista, Almerice da Silva Santos, a Dona Teté, perdeu os pais muito cedo, sendo criada pela avó e a madrinha. Trabalhou como empregada doméstica até os 58 anos, quando começou a cantar o Cacuriá, versos improvisados acompanhados por coro e acompanhado por caixas, instrumento de Dona Teté, que era também “coreira” e dançarina de tambor de crioula. Seu primeiro álbum, *Cacuriá de Dona Teté*, foi gravado em 2000 e lançado em 2003. Segundo o Dicionário Cravo Albin, foi responsável pela inovação do Cacuriá, com a introdução de novos instrumentos, como cordas, flautas, baixo, clarinete e teclados, entre outros.

Elaine Pettersen Moraes (1970) **Belo Horizonte (MG)**

Para ela, a palavra escrita não tem os freios da palavra falada, podendo ser, portanto, mais franca e honesta. Foi assim que nasceu o texto “O Intenso” musicado por Ceumar. De acordo com Elaine, a relação tanto com a música quanto com a poesia vem de infância. As famílias por parte de mãe e de pai são de poetas e músicos mineiros. Os saraus e rodas de viola faziam parte das reuniões de família e formaram, assim, o seu intenso mundo interior, musical e poético.

Érika Machado (1977) **Belo Horizonte (MG)**

Compositora, cantora e artista plástica e visual. Erika é doutoranda em Arte Contemporânea, mestre em Crítica de Artes e Arquitetura pela Universidade de Coimbra, pós-graduada em Ensino e Pesquisa no Campo da Arte e da Cultura pela Escola Guignard, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Em 2006, foi premiada como revelação na categoria “MPB” pela Associação Paulista dos Críticos de Artes, com o álbum *No cimento* (2006). Em 2007, recebeu o Troféu Catavento da Rádio Cultura de São Paulo, na categoria “Melhor CD”, com o mesmo álbum. Foi selecionada, em 2008, para o Programa Rumos Música do Itaú Cultural. Em 2016, dedicou-se ao projeto Spicy Noodles, com Filipa Bastos.

Francisca Pinheiro D’Aguiar¹² **Minas Gerais (MG)**

Compositora, poeta, professora de canto, flauta e piano, Francisca é autora de “Flor da esperança”, valsa para piano, de 1853, presente no acervo de partituras da Biblioteca Nacional. Na hemeroteca da mesma biblioteca, sabemos que foi poeta, fundadora e diretora do Collégio Santa Cecillia em São José D’Alem Parahyba e, como professora, ensinava na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Compôs também a valsa “Os poetas brasileiros”, em 1854. Em 1874, aparece nos jornais com o nome Francisca Pinheiro de Aguiar Barros.

Helza Cameu (1903 — 1995) **Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, pianista, musicóloga e escritora. Como compositora, Helza Cameu apresentou-se publicamente em 1934, em recital somente com suas obras no salão do Instituto Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ganhou vários prêmios por suas composições. Em 1929, interessou-se pela música indígena com o intuito de compor uma obra para coral, nascendo aí seu interesse pela Musicologia. Seu primeiro artigo publicado sobre o tema foi “Apontamentos sobre música indígena”, no

¹² Não foram encontradas informações sobre a cidade e data de nascimento da compositora.

jornal *Tribuna da Imprensa*, em 1950. Também como musicóloga, trabalhou no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro em prol da preservação dos instrumentos e música indígenas.

Iara Rennó (1977) **Campinas (SP)**

Compositora, cantora, instrumentista, *performer*, atriz e poeta. Iara é formada em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e filha de Alzira E e Carlos Rennó. Começou sua carreira no grupo DonaZica, em 2000, juntamente com Anelis Assumpção, Andréia Dias e Mariá Portugal, banda com a qual gravou dois álbuns, *Composição* (2003) e *Filme brasileiro* (2005). Em sua carreira solo, gravou os álbuns *Macunaíma Ópera Tupi* (2008), *I A R A* (2013), *Arco* (2016) e *Flecha* (2016). É parceira de Alice Ruiz, Anelis Assumpção, Alzira E, Andréia Dias, entre outros.

Jocy de Oliveira (1936) **Curitiba (PR)**

Compositora, pianista e escritora, é uma das pioneiras na música eletrônica no Brasil. Como compositora, informa seu verbete na Academia Brasileira de Música, direcionou seu trabalho para o desenvolvimento de uma linguagem multimídia, envolvendo música, teatro, instalações, textos e vídeo. Jocy compõe óperas, obras para orquestras, câmara, solos e meios eletroacústicos. É autora de seis livros publicados no Brasil e nos Estados Unidos.

Joyce Moreno (1948) **Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, cantora, arranjadora e instrumentista, Joyce é formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio). Autodidata, começou a tocar violão aos 14 anos, observando seu irmão. Começou a compor em 1964, mas só formalizou seus estudos em Música a partir de 1966. Participou do II Festival Internacional da Canção com a canção “Me disseram”, que causou espécie nos críticos do período por ter sido composta na primeira pessoa do feminino. Mas foi no Festival MPB 80 que

estourou nacionalmente com a canção “Clareana”, em parceria com Maurício Maestro. Tem 42 álbuns gravados, incluindo gravações no exterior, como Japão e Reino Unido.

Kilza Setti (1932) **São Paulo (SP)**

Compositora, pianista, pesquisadora e etnomusicóloga, Kilza é doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), onde pesquisou a música dos pescadores do litoral norte de São Paulo. É fundadora da Associação Brasileira de Folclore e membro-fundador da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música e da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Compôs cerca de 70 peças que incluem conjuntos instrumentais de câmara, coral, percussão e orquestra.

Karina de Mello Arantes (1993) **Cássia (MG)**

Compositora, cantora, arranjadora e multi-instrumentista, Karina começou a compor com 12 anos, logo que iniciou a aprendizagem do violão. Estudou canto lírico em Belo Horizonte no Palácio das Artes e teoria musical na Fundação de Educação Artística. Até o momento, compôs por volta de 25 canções. Atualmente participa de um projeto de compositoras de Cássia (MG), com a intenção de resgate da música produzida na cidade.

Khrystal (1981) **Natal (RN)**

Atriz, cantora e compositora. Em 2007, lançou seu primeiro álbum de carreira chamado *Coisa de Preto*. Sua estreia como atriz lhe rendeu indicação ao Kikito, no Festival de Cinema de Gramado como melhor atriz coadjuvante. Em 2009, saiu em turnê com os artistas Cátia de França e Xangai percorrendo oito cidades nordestinas com grande sucesso de crítica e público. Em 2012, lançou o segundo álbum *Dois tempos*. Em 2016, lançou seu terceiro projeto de estúdio, batizado de *Não deixe pra amanhã o que pode deixar pra lá* seguido de clipe da canção “Não deixe pra amanhã”.

Larissa Luz (1985) **Salvador (BA)**

Compositora, cantora, multi-instrumentista e atriz. Aos dez anos iniciou o curso de canto e teclado no Tom Musical. Entre 2007 e 2012, integrou a banda Ara Ketu. Tem dois álbuns lançados, *Mudança* (2012) e *Território conquistado* (2016), com o qual concorreu ao Grammy Latino de 2016, na categoria Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa. Em seu site, ela define esse último álbum como “Marcado por uma fusão rítmica que aborda o *Trap*, o *Dubstep*, o *Rap*, o *Rock and Roll* dentro uma perspectiva afro-brasileira que brotou na Bahia em forma de Samba duro, *ijexá* e samba-reggae. *Território conquistado* (2016) se conecta com uma estética negra contemporânea, trazendo influências dos movimentos Afrofuturismo e Afropunk”.

Lycia de Biase Bidart (1910 — 1990) **Vitória (ES)**

Compositora, multi-instrumentista, musicista e regente, Lycia estudou piano com Magdalena Tagliaferro e Harmonia e Composição com Giovanni Giannetti. Sua estreia como compositora foi em 1930, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob regência do maestro Francisco Braga, tendo suas composições sempre muito elogiadas pela crítica especializada. Em 1989, aos 79 anos, doou toda sua obra, cerca de 400 partituras, para a Biblioteca da Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo.

Lucina (1950) **Cuiabá (MT)**

Compositora, cantora e multi-instrumentista, Lucina iniciou sua carreira nos anos de 1960, junto ao grupo Manifesto. Após um tempo, formou parceria com Luhli e juntas compuseram mais de 800 canções. É também parceira de Alzira E, Zélia Duncan, Sonya Prazeres, Joãozinho Gomes, Arruda e Bené Fonteles, entre outros. Com Luhli, gravou sete álbuns, além de mais cinco solos e um já gravado em fase de lançamento, em parceria com Bené Fonteles. Luhli e Lucina tiveram suas vidas retratadas no premiado documentário *Yorimatã*, em 2016.

Luhli (1945 — 2018) **Rio de Janeiro (RJ)**

Compositora, cantora e multi-instrumentista, Luhli começou a carreira nos anos de 1960, tendo o primeiro álbum gravado em 1967. No início dos anos de 1970, apresentou Ney Matogrosso ao Secos & Molhados, grupo que gravou três parcerias suas com João Ricardo: “O vira”, “Fala” e “Toada & rock & mambo & tango etc.”. Foi com Lucina sua maior produção musical, com mais de 800 canções, entre elas clássicos como “Bandoleiro”, “Bugre”, “Coração aprisionado”, “Pedra de rio” e “Me rói”, todas gravadas por Ney Matogrosso em sua carreira solo. É também parceira de Alzira E, Alexandre Lemos, Sonya Prazeres e Bethi Albano, entre outros.

Maria Beraldo (1988) **Florianópolis (SC)**

Compositora, cantora, arranjadora, multi-instrumentista, Maria fez graduação e mestrado em Música no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Aprendeu flauta, ainda criança, na escola de Música de sua mãe, em Florianópolis, mas foi o clarinete seu instrumento escolhido. Mudou-se para São Paulo em 2013, onde colaborou com Arrigo Barnabé na releitura da ópera-rock Clara Crocodilo. Seu primeiro álbum *Cavala* foi lançado em 2018.

Mc Soffia (2004) **São Paulo (SP)**

Compositora, cantora, *rapper*, Soffia cresceu na periferia de São Paulo, iniciando sua carreira ainda cedo, aos seis anos de idade, ao participar do projeto O Futuro do Hip Hop. Em suas palavras, gosta de “produzir sons contestadores sobre paradigmas sociais”. Em 2016, apresentou-se com Karol Conka na abertura dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro.

Mestra Samme Sraya (1968) **São Luís (MA)**

Compositora, artista popular e produtora cultural, Samme começou na capoeira no Laborarte, em São Luís, em 1992. Em 1998, participou da fundação do Centro Matroá de Capoeira, importante ponto da cena maranhense. Desde a década de 1990 que se destaca

no trabalho de fortalecimento de mulheres na capoeira. Foi uma das pioneiras da movimentação “Mulheres Capoeiras”, que realiza *performances* e apresentações pela cidade dando visibilidade à atuação plena das mulheres nas artes da capoeiragem. Em 2004, foi graduada contramestra por mestre Patinho e, em 2017, consagrou-se mestra pelo reconhecimento popular.

Mestra Virgínia (1916 — 2003)
Maceió (AL)

Compositora, cantora, mestra de reisado, Virgínia de Moraes era parteira de profissão e também benzeadeira. Comandou o grupo de reisado Três Amores. De suas composições, destacam-se “Marcha do reisado” e “Jangadeiro”. Morreu aos 97 anos e sua história foi contada em filme de Celso Brandão e Cíntia Ribeiro.

Nênia de Carvalho (1914)¹³
Rio de Janeiro (RJ)

Compositora e cantora, Nênia formou-se em Canto e Piano no Conservatório Brasileiro de Música. Deu muitos concertos como cantora soprano, sempre aclamada pela crítica. Como compositora, participou do Conjunto de Percussão Dora Pinto, com o qual excursionou pelo Brasil. Escreveu e apresentou diversos programas musicais nas rádios MEC, Roquete Pinto e Cruzeiro do Sul. A pesquisadora Eli Maria Rocha levantou cerca de 360 composições da artista.

Otília Amorim (1894 — 1970)
Rio de Janeiro (RJ)

Compositora, cantora, atriz, Otília estreou no filme *Vida do Barão de Rio Branco*, em 1910. Era cantora e atriz de teatro de revista. Compôs “Sem você”, em parceria com Otávio França. Em 1989, o selo Revivendo lançou o LP *Sempre sonhando* com interpretações de Otília, além de Gastão Formenti, Alda Verona, Raul Roulien.

Patativa (1937)
Pedreiras (MA)

Compositora e cantora, Maria do Socorro Silva se mudou para São Luís aos oito anos para estudar.

Ainda pequena, começou a fazer samba batendo latinhas na rua. Aproximou-se profissionalmente do samba ao lado dos batuqueiros das Turmas do Quinto, Cruzeiro e Fuzileiros da Fuzarca. Aos 77 anos, lançou seu primeiro álbum *Ninguém é melhor do que eu* (2014), com participações de Zeca Baleiro, Simone e Zeca Pagodinho

Priscilla Ermel (1957)
São Paulo (SP)

Compositora, cantora, artista multimídia, arranjadora, antropóloga, Priscilla é professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Possui mestrado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia e Música Indígena; doutorado em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia da Música negro-africana e pós-doutorado em Antropologia Audiovisual com o projeto A Tradição Oral na Música Brasileira. Em 1989, foi produtora do programa Som Brasil, na rede Globo. Compôs e atuou em várias trilhas de filmes e novelas. Tem cinco álbuns gravados.

Regina Limeira (1991)
João Pessoa (PB)

Cantora e compositora. O primeiro trabalho artístico foi realizado aos 12 anos no grupo Dona Moça. Em família, o primeiro trabalho musical ocorreu no grupo de samba Trem das Onze. Em 2017, estreou o projeto No Ventre da Mata, com canções inspiradas pela natureza. Nas palavras da artista, “conversando com passarinhos, árvores e formigas gigantes, vou conhecendo minha luz e minha sombra e navegando dentro de mim. Compor, tocar e cantar me salvam e me libertam das prisões e ilusões mentais que angustiam a humanidade”.

Regina Machado (1964)
São Paulo (SP)

Compositora, cantora e violonista, Regina é doutora em Letras pelo departamento de Linguística e Semiótica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora do curso de Música Popular da Unicamp, no qual ministra as disciplinas

¹³ O ano de falecimento da compositora é desconhecido

Canto Popular e Canto na Música Popular Brasileira. Lançou quatro álbuns: *Sobre a paixão* (2000), *Pulsar* (2004), *Agora o céu vai ficando claro* (2010) e *Multiplificar-se única - canções de Tom Zé* (2015), além do livro *A voz na canção popular brasileira - um estudo sobre a vanguarda paulista*. Está desenvolvendo uma belíssima parceria musical com Déa Trancoso, por volta de 18 composições. Uma delas, “Canção calunga”, foi gravada por Mariana Furquim e Ná Ozzetti no álbum *Princesa de Aiocá* (2018), de Mariana Furquim.

Silvia Ferreira (1957 – 2018)
São Paulo (SP)

Artista plástica e restauradora, Silvia tinha grande paixão pela música. Nos anos 1990, integrou a banda Meias Palavras. De 1992 a 1994, dirigiu o Teatro Hall, na cidade de São Paulo. Compôs com Regina Machado algumas canções que foram registradas em dois álbuns da cantora *Sobre a paixão* (2000), produzido pela Dabliu Discos, e *Pulsar* (2004), pela produtora Canto Discos.

Simone Sou (1970)
São Paulo (SP)

Compositora, baterista e percussionista, Simone iniciou sua carreira artística nos anos de 1990. Foi integrante da banda Orquídeas do Brasil, que acompanhou Itamar Assumpção em vários shows e álbuns. Trabalhou em parceria com Badi Assad, Elza Soares, Jards Macalé, Vanessa da Matta, Robertinho Silva, Chico César, Zeca Baleiro, Funk Como Le Gusta e Zélia Duncan, entre outros. Integrou o grupo Mutantes para o show em Londres, em 2006.

Sonya Prazeres (1958)
Rio de Janeiro (RJ)

Escritora, poeta, compositora, cantora e professora de voz, Sonya participou de festivais e tem como principais parceiras as compositoras Luhli e Lucina. Suas canções foram gravadas por Nana Caymmi, Simone, Lucina, Zélia Duncan e Nilson Chaves, entre outros. Está com dois álbuns em reedição, o infantil *O que é que tem dentro* (1984) e o *Asé-reference*,¹⁴ uma pesquisa sobre a música brasileira de raiz, com a participação de Luhli e Lucina, entre outros.

Tatiana Cobbett (1960)
Rio de Janeiro (RJ)

Compositora, cantora e bailarina, Tatiana foi do Balé Stagium. Nos anos de 1990, atuou na direção e concepção dos shows: *Mulheres de Hollanda*, *Grito das flores*, *Solais* (com Badi Assad), *Festival três bandeiras*, *Esta terra Portugal*, *Flamenco x São Paulo* e *Alma flamenca*. Atuou, também, na concepção e direção de shows de Carlinhos Antunes, Tutti Baê, Janet Machnaz, Joel Brito e Nara Lisboa, entre outros artistas. Desde os anos 2000, vem atuando em parceria com Marcoliva em diversos shows e álbuns.

Tatiana Lima Castro (1981)
Londres (UK)

Compositora e artista plástica nascida na Inglaterra, Tatiana iniciou seus estudos por meio do piano, mais tarde no Brasil estudou Composição no Conservatório Brasileiro de Música. Opta por criar e difundir sua obra fora das estruturas acadêmicas por uma sonoridade tradicional tonal.

Vanessa Melo (1988)
Salvador (BA)

Compositora, cantora, atriz e clarinetista, Vanessa iniciou seus estudos na Sociedade Filarmônica Oficina de Frevos e Dobrados. Graduada em Dança na Universidade Federal da Bahia. Sua musicalidade flerta com o erudito e o popular. Seu repertório conta com influências vivenciadas no âmbito da música erudita, popular e de matriz africana. É integrante do grupo Rumpilezzinho e colabora com os projetos da Orquestra Afrosinfônica, Pradarrum e Sonora Amaralina.

Zélia Duncan (1964)
Niterói (RJ)

Compositora, cantora, instrumentista. Zélia iniciou sua carreira em Brasília, nos anos de 1980, com o nome de Zélia Cristina. Insatisfeita com o primeiro álbum, mudou seu nome, na década de 1990, para Zélia Duncan, sobrenome de solteira de sua mãe. Eclética, passeia pelo pop, MPB e samba com desenvoltura. Tem seis DVDs gravados e dezesseis álbuns, entre eles *Eu me transformo em outras* (2004), *Tudo esclarecido - Zélia Duncan canta Itamar Assumpção* (2012) e *Invento +* (2017), em parceria com Jaques Morelenbaum.

¹⁴ Ano não encontrado.

2019 - Circulação pelas regiões: Sul, Sudeste e Centro-Oeste
2020 - Circulação pelas regiões: Norte e Nordeste

